

LIVRO DE DANIEL

pedrada anti-imperialista



Copyrihgt © 2026, CEBI-MG

Edição

Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos de Minas Gerais

Capa

LePrideX, com intervenção de Denis Wilson

Projeto gráfico

Denis Wilson Silva

Coordenação e Revisão

Frei Gilvander Luís Moreira e Ieda Santos Leite



CEBI-MG

R. da Bahia, n. 1148, Sala 1204 - Centro - Belo Horizonte-MG

Instagram: @cebi_mg

SUMÁRIO

Prefácio, p. 05

Nós temos a pedrada para jogar, por *Denis Wilson e Thailita Rocha*

Capítulo 01, p. 08

Livro de Daniel: da derrocada do Imperialismo à vitória do Reino de Deus, por *Ieda Santos Leite*

Capítulo 02, p. 26

Profeta Daniel: Pedrinha X Gigante de pés de barro, Povos violentados resistem diante de brutais projetos de exploração (Dn 1-2), por *Frei Gilvander Luís Moreira*

Capítulo 03, p. 40

Livro de Daniel: entre resistir e esperar, por *José Horácio Santana (Zé do Cerrado)*

Capítulo 04, p. 70

O livro de Daniel e sua relação com as apocalípticas judaica e cristã, por *Frei Jacir de Freitas Faria, OFM*

Capítulo 05, p. 78

O Corpo como palco da moralidade: Susana entre o olhar e o poder (Dn 13), por *Vânia Fonseca*

Bibliografia, p. 98

*Ê, República de parentes pode crer
na nova Babilônia eu e você
Somos só carne humana para moer...
E o amor não é para nós!
Mas, nós temos a pedrada para jogar,
a bola incendiária está no ar:
fogo nos racistas!*

Chico César, Pedrada

E fogo em toda estrutura e sistema de opressão que geram silenciamentos, apagamentos, deslocamentos forçados, feminicídios, violência... morte (aquela imediata e a dada lentamente, com a fome ou a escala 6x1). É a partir desta realidade que, no ano de 2026, somos chamados, convocados a ler, estudar, aprofundar o livro de Daniel para o mês da Bíblia.

Nós que somos do CEBI-MG, da caminhada do movimento bíblico libertador, que tentamos, com nosso esforço militante e comprometido a responder aos desafios e urgências da nossa história, sabemos que ler a Bíblia nunca será um exercício neutro.

Contra toda pretensa nossa opção ética-hermenêutica é a de lutar com a Palavra, desconfiar, suspeitar, dos usos (e abusos) do texto bíblico para fazer descobrir o conflito, os de ontem e os de hoje.

Se o fundamentalismo paralisa a crítica e encobre, subsumindo num caldo neutro e requentado pela rotina de uma pastoral bíblica genérica e covarde, a gente tenta promover um encontro fecundo entre a trama que compõe o texto da Bíblia e o tecido que faz nosso corpo (pessoal, social, do mundo).

Para isso, a educação popular: quando na nossa conversa bíblica não faltam as perguntas e questões que tocam no modo de produzir e reproduzir a Vida. Esta tarefa biopedagógica-teológica não é fácil nem cômoda: habitamos o aperto, a perversidade da luta de classes, o lugar sufocado da fronteira, o entremeio, experimentando e compartilhando com as maiores pobres e trabalhadoras aquele desespero de não saber

como irá sobreviver à semana.

Deste (não)lugar, a gente precisa (de precisão), alguns mundos. A gente fala e a pronúncia da nossa vez vem do chão em que a gente pisa. Onde pisam os pés, a cabeça pensa e sente o coração: está. Cada ser-da-cultura é um mundo peculiar, próprio. A cultura existe como acontecimento, imaginário, afeto, visão de vida, das relações, das identidades.

Nossa Educação (e nossa leitura bíblica) é Popular não somente porque lançamos mão de métodos e metodologias que facilitam a participação; nem porque é uma tendência da moda, «trend», nem muito menos uma roupagem acadêmica neutra e despolitizada, mas porque conhecemos e reconhecemos que nosso horizonte hermenêutico se dá a partir de “pessoas postas à margem: os muito pobres, os servos, os excluídos, os migrantes ‘sem eira nem beira’, os aquietados, mas sempre à beira da revolta” (Brandão).

Contra as cômodas e adequadas generalidades, está nossa posição carregada da mais radical intencionalidade. Radical não no sentido de ser extremista, mas no sentido etimológico de superar as injustiças pela raiz. Quando indicamos «educação», pensamos em «popular». Quando falamos em teologias, queremos sublinhar «libertadoras». Quando dizemos Leitura Popular da Bíblia, sublinhamos «revolução».

Quando dizemos “livro de Daniel”, supomos a apocalíptica, a linguagem dos vencidos, que tiveram de inventar sua esperança num momento de esgotamento das possibilidades, de aplastamento, esmagamento de qualquer alternativa.

Quando falamos da pedrinha miúda, dizemos da organização dos sem-poder que, desde a marginalidade, encontram formas de vencer o gigante que pisa forte e cruel. Quando falamos de novela bíblica, com as apocalípticas (que sempre foram profecias), queremos indicar a necessidade de se criar imaginários que engendrem novos mundos, com arte, poesia e beleza.

Quando sublinhamos resistência, lembramos dos corpos que valem nada, dos que estão na mira lógica da calculadora depredadora e depravada do capitalismo-patriarcado e das companheiras mulheres que resistem com Susana.

Quando dizemos “mês da Bíblia” não queremos só falar de uma agenda da Igreja Católica, mas da oportunidade de encontro, conversa, discussão, estudo e mutirão... no meio do Povo. Quando falamos Povo, dizemos daqueles que sabem de antecipar bravamente um futuro outro... os palestinos, quem em intifada, com as pedras na mão, nos ensinam sobre coragem e história.

Intifada, com a pedra nas mãos,
derrotar os gigantes,
em sonho novo, sangue Povo,
cantar o amanhã que virá...
não porque promessa,
mas porque outros mundos já existem entre nós!

Denis e Thalita,
pela *Equipe de Publicações do CEBI-MG*

Livro de Daniel: da derrocada do Imperialismo à vitória do Reino de Deus

por Ieda Santos Leite

Pedagoga, com experiência profissional em Supervisão Escolar, Direção de Escola e Inspeção Escolar de 1º e 2º Graus .
Cursou várias disciplinas no Curso de Teologia do Instituto São Tomás de Aquino (ISTA), nas áreas de Teologia Bíblica e Pastoral. Concluiu o Curso de Formação de Agentes de Pastoral no CEFAP, cursou o 2º ABEC no Serviço de Animação Bíblica das Paulinas (SAB) de 2001-2004, dentre outros. Atua no Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos – CEBI, desde 2001, onde participou de Cursos de Formação Bíblica, servindo como assessora de Grupos Populares de Reflexão Bíblica, Escolas Bíblicas. É membro do Grupo “Ruah” de Aprofundamento Bíblico, como autora e revisora de textos.

Apresentação e informações introdutórias

Considerando a necessidade de uma melhor compreensão do Livro de Daniel, que obter-se-á na leitura aprofundada dos capítulos seguintes propomos, neste artigo, como subsídio, o enfoque de alguns aspectos que julgamos importantes para um contato preliminar com o aludido livro. Assim, além de outros, enfocamos os seguintes pontos: 1- O que é apocalíptica; 2- Apresentação do livro de Daniel; 3- Contexto histórico; 4- Autoria e datação; 5-Gênero e dispositivos literários; 6- Línguas usadas; 7- Sonhos e visões em Daniel e atualização.

1- O QUE É APOCALÍPTICA?

Apocalipse, do grego apokalypsis, significa revelação.

1.1-SITUANDO A APOCALÍPTICA- Em termos gerais, a Apocalíptica é um movimento profético-religioso, com profundas implicações políticas, que surgiu no Judaísmo, no século II antes da Era Comum (a.E.C.), trazendo uma teologia que revela uma real situação de crise e caos estrutural, motivados por uma conjuntura político-econômica e sociorreligiosa de brutais injustiças e violência contra a maioria da população. Tempos de perseguição, opressão, exploração e degradação da vida humana. Além da opressão política e da exploração econômica, reina uma pressão ideológica, que deseja inibir a resistência e a rebelião do povo, porque constituem grave ameaça ao poder que domina¹. Na Apocalíptica, esta situação caótica e crítica, quando remete ao “fim”(Dn 2,28-29; 7,26; 8,17.19; 9,26-27; 10,14; 11,10; 12,4.9.), anuncia uma boa-nova, na esperança-certeza do surgimento de “novo tempo”, um tempo “kairótico”, pela participação de Deus na História, com a derrocada do mal, de governos autocratas e ditatoriais, enfim, do Imperialismo reinante, que se opõem ao Reino de Deus. A desesperança no líder totalitário, antes tido como infalível, faz acender a esperança, pela certeza de que, na raiz

1 STORNILO, Ivo. *Como ler o Livro de Daniel: Reino de Deus x Imperialismo*. São Paulo: Paulus, 1994, p.7-8

ou no topo da História, reina um Deus poderoso, Senhor da História, capaz de mudá-la com seu desígnio salvífico, não de forma mágica, mas pelo divino que se irradia no humano. Assim, os opressores e exploradores não terão a palavra final. Serão derrotados. É o que nos asseguram os textos apocalípticos.

Aos que se apresentam como todo-poderosos, os profetas e profetisas apocalípticos contestam: “Todo poderoso e onisciente é o nosso Deus. Ele está no governo da História, ao lado das pessoas justas, solidárias e éticas”. Esta convicção teológica gera esperança e anima a caminhada de resistência, diante dos megaprojetos imperialistas.

Como movimento tardio, a Apocalíptica é filha da Profecia e surge, exatamente, quando parecia encerrada a inspiração profética, daí ter ela a pretensão de prosseguir profetizando². Ela herda as visões da Profecia (Am 7-9; Zc 1-6) e as oferece como REVELAÇÃO de Deus no mundo dos empobrecidos, dos oprimidos e dos excluídos.

1.2-A APOCALÍPTICA E A HISTÓRIA- A Apocalíptica também aprende da Profecia a reflexão sobre a conjuntura histórica, com a análise e crítica ao Imperialismo, mormente em tempos de crise exacerbada, apontando, pela releitura do passado, a partir do presente, para os acontecimentos que, certamente, acontecerão no futuro. Lê-se o passado, a história, como profecia para o presente e o futuro.

A Apocalíptica periodiza a História, ou seja, interpreta a história humana em fases distintas, culminando com um evento catastrófico (dificuldades, perseguição), que marcará o fim de uma época e o início de uma nova época, onde o bem triunfará sobre o mal e o Reino de Deus será restaurado.

Para a Apocalíptica, a História não acontece apenas de forma linear e cíclica, mas em forma de espiral. Ou seja, na história, há acontecimentos semelhantes aos do passado, porém, ela é um livro aberto onde, além do previsível, há acontecimentos imprevisíveis que, evidentemente, são forjados nas entranhas das relações humanas e sociais. Ela revela

2 SCHOKEL, J. Alonso.; DIAZ, J.L.Sicre. *Profetas: Grande Comentário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 1259

os mistérios ou segredos de Deus sobre a história do mundo e sobre o seu fim, por meio de sonhos ou visões, que anunciam a vitória de Deus sobre o mal³.

Eventos, personagens, história, colhidos do passado, ilustram o presente, que não pode ser revelado, por ser politicamente perigoso. Na Apocalíptica os reis são “senhores”, mas é Deus quem governa a História. Não se trata de um Deus neutro, indiferente à exploração e opressão vigentes. O Deus dos textos apocalípticos é, eminentemente, um Deus que faz opção pelos injustiçados e violentados e está sempre na defesa das pessoas justas e inocentes. Um Deus possuído de “ira santa” diante das injustiças e violências que se abatem sobre as pessoas justas e indefesas.

2- LOCALIZAÇÃO BÍBLICA DO LIVRO DE DANIEL

Daniel é o único livro do gênero Apocalíptico no Primeiro Testamento (Dn 7-12), (embora aí se encontrem textos proféticos de teor apocalíptico), como o Apocalipse o é no Segundo Testamento. Na Bíblia Hebraica, o livro de Daniel vem em último lugar dentre os livros do Primeiro Testamento e pertence ao terceiro bloco chamado Escritos (Sapienciais). Nas traduções Septuaginta e Vulgata, Daniel é classificado como um Profeta Maior. Na versão da Bíblia em latim, chamada Vulgata, o livro se encontra no bloco destes Profetas Maiores, junto a Isaías, Jeremias, Ezequiel.

3- APRESENTANDO O LIVRO DE DANIEL

3.1- O Livro de Daniel traz um caráter subversivo, que revela resistência diante do Imperialismo reinante. A postura profética, contestadora, resistente e crítica que o/s autor(es), autora(as) descreve/m, são denúncia de um imperialismo opressor, sufocante, repressor⁴.

3 ROMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (Orgs). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2010, p. 696.

4 Ivo Storniolo *op.cit.*, p. 9

Ao lado da PROFECIA, o Livro de Daniel desenvolve uma atividade SAPIENCIAL que induz à reflexão. Interpretar um escrito ou uma realidade político-econômica e sociorreligiosa, é uma atividade sapiencial. Da sabedoria, que gera o discernimento crítico diante dos acontecimentos, Daniel herda o espírito de interpretação de sonhos e visões, que se estende à análise política internacional, transnacional⁵. Deus dá aos quatro jovens (Daniel, Ananias, Misael e Azarias)... ou seja, Deus recompensa sua fidelidade, dando-lhes conhecimento, inteligência e dons sobrenaturais de sabedoria (Dn 1,17). A formação cultural e literária do personagem Daniel (fictício?) supera a dos mestres e sábios de então. Daniel e seus companheiros são sábios e eloquentes, enquanto seus rivais pagãos e os reis parecem brancos em comparação com eles. Contudo, é preciso reconhecer que eles representam “tipos”, antes que pessoas concretas⁶. Eles são modelo de fé, heroísmo e lealdade de quem vive como minoria hostilizada pelos Impérios opressores, mas resiste, reage, age, luta.

3.2- OBJETIVOS- O livro de Daniel pretende:

- desenvolver a resistência dos grupos profético-apocalípticos como ocorrera com a revolta dos Macabeus, motivada pela pressão e imposição da cultura e religião helênicas, ou seja, do Helenismo (expansão da cultura grega ou helênica no Oriente e no Ocidente).
- julgar e condenar, radicalmente, o Imperialismo e estabelecer uma alternativa político-econômica e sócio-religiosa (Reino de Deus), que dê ao povo liberdade e vida dignamente humana.
- Em contraposição, devemos considerar que o Helenismo influenciou, beneficentemente, a Língua, a Arte, a Filosofia, a Ciência, a Religião, sobretudo no Ocidente.
-

3.3-DANIEL E A RELIGIÃO. São temas básicos do Livro de Daniel o conflito entre a religião e as tradições do povo hebreu/semita e o paganismo de seus governantes estrangeiros, bem como a perseguição do Império selêucida, no século

⁵ Ivo Storniolo, *ibid*, p.8-9

⁶ Thomas Romer e outros, *op. cit*, p. 693

II a.E.C., que impõe a Helenização e a Religião pagã em seu Império, perseguindo e matando os resistentes.

“*Quando e como tudo isso acabará?*”, brada o povo sofrido! Tal situação crítica leva o/s autor/es do Livro de Daniel a se conscientizar/em de que a resposta a esta crise só seria encontrada na revelação de Deus, da qual Daniel seria o porta-voz⁷. Também o contexto de crise atual em que vivemos, nunca esteve tão carente de profetas-apocalípticos diante do aguçamento das contradições do sistema capitalista (idolatria do mercado) e político, com polarizações, guerras, ódio, perseguições, opressão, exploração e genocídio, que exterminam os fragilizados e os injustiçados.

O livro de Daniel quer demonstrar que o Deus do seu povo é o Senhor da História, que “depõe reis e entroniza reis” (Dn 2,21) até que, finalmente, estabeleça o seu Reinado universal na terra (Escatologia: estabelecimento definitivo do Reino Messiânico de Deus)⁸. Daniel descreve as bênçãos da Era Messiânica: o mal cessará; a culpa será expiada e perdoada. Reinará a justiça e tudo o que foi visto em visão e profecia, no DIA DA SALVAÇÃO, se verificará, conforme diz Harrington, p. 395. As visões de Daniel não terminam com a queda de Antíoco IV, mas com “o Reino que jamais será destruído” (Dn 2,44).

3.4- DANIEL E O IMPERIALISMO. O livro de Daniel enfoca o embate com o Imperialismo, projeto de poder opressor que explora o povo, espolia, massacra, mata (Dn 2; 7...). Opressão, poder e resistência são imagens que perpassam o livro e o seu contexto histórico. Segundo Harrington, p.395, com seu poder, o Deus de Daniel frustra os desígnios de monarcas orgulhosos e tiranos e defende os sofridos e perseguidos que confiam e esperam nele, sobretudo nos árduos e atribulados tempos dos Macabeus. O Deus que livrou aquele povo das garras de faraó do Egito, do rei babilônico Nabônides, há de livrá-lo de Antíoco IV. Esta libertação é garantia

7 L. Alonso Schokel- J.L. Sicre , op.cit. p. 1265

8 BROWN, Raymond E.; FITZMYER Joseph; MURPHY, Roland E. (Editores). Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento , Academia Cristã, Santo André (SP), São Paulo: Paulus, 2015, p. 809.

da libertação final obtida nos tempos messiânicos e no tempo que se chama hoje, como esperamos.

O livro de Daniel é, pois, um Projeto Anti-Imperialista, cuja visão se estende ao Imperialismo Babilônico, passando os Impérios Medo, Persa, Greco-Helenista, com a dominação siro-selêucida de Antíoco IV Epífanes que, em 167 a.E.C., tomou e profanou o Templo de Jerusalém, além de impor o Helenismo aos judeus, proibindo a prática de suas tradições, costumes e leis, destruindo suas Escrituras, massacrando os grupos que ofereciam resistência.

4 - CONTEXTO HISTÓRICO DO LIVRO DE DANIEL

Baseando-nos em Ivo Storniolo, 1994, p. 12-14, vale retomar algumas circunstâncias históricas pertinentes ao livro de Daniel, a seguir

a) Em 597 a.E.C., Nabucodonosor, rei da Babilônia, conquista Judá, deportando seu rei, sua corte, militares, a elite e os profissionais capacitados para trabalharem na Babilônia.

b) Em 587/6 a.E.C., Nabucodonosor ataca Jerusalém, destrói o Templo, devasta a cidade, deporta trabalhadores. O Reino de Judá deixa de existir, perdendo sua independência política e econômica. Em 164 a.E.C., Judas Macabeu conquista Jerusalém e purifica seu Templo profanado por Antíoco IV, o rei selêucida. Simão Macabeu, em 142/141 a. E. C. iniciou o processo de independência, consolidada por seu filho, João Hircano, 134- 104 a.E.C, cujo primeiro rei foi seu filho Aristóbulo I, em 104 a.E.C.

Vale ressaltar que a Judeia/Palestina passou pela dominação de vários Impérios, o que fundamentou o Livro de Daniel em sua luta contra o Imperialismo. Destacamos:

1) Império Babilônico, de 597 a 539 a. E. C..

2) Império Medo, depois o Persa. Em 539 a E.C., Ciro, monarca persa, que já havia conquistado a Média, conquista a Babilônia, sob o rei Nabônido (Belsazar, seu filho, nunca foi rei). Ciro permite o retorno dos exilados às suas nações de origem. A Judeia/Palestina passa a ser colônia da Pérsia. Ciro concede às colônias liberdade religiosa e colabora

com os judeus na reconstrução do Templo. Estas benesses do Império deviam ser recompensadas com o pagamento de altos tributos, aliados à monetarização. O Império persa persiste no poder até 333 a.E.C.

3) Império Grego. Em 333 a.E.C., o greco-macedônio, Alexandre Magno, venceu os persas e estabeleceu o Império Grego (333-167 a. E.C.), grandemente ampliado por suas conquistas. Alexandre Magno pretendia a universalização do Império, com única língua, único rei, única cultura... Este Império foi uma grande potência do Oriente Médio Antigo. Alexandre morre, precocemente, em 323 a.E.C. e o seu Império é dividido entre os seus generais.

4.1 - O QUE OCORREU COM A JUDEIA/SEMITA?

Na divisão do Império de Alexandre, o Grande, coube ao general Ptolomeu-Lágida o Egito e a Judeia, governados por esta dinastia de 321 a 199 a.E.C., quando o rei selêucida (da Síria), Antíoco III, arrebatou a Judeia desta dinastia egípcia.

A terra judaico-palestina foi vítima das contínuas guerras entre os Ptolomeus-Lágidas (do Egito) e os Selêucidas (da Síria), pois localizava-se, geograficamente, entre as duas nações.

Os judeus formavam uma unidade étnico-política governada pelo Sumo-Sacerdote, que se tornou etnarca, ou seja, chefe político-religioso do povo.

Sob a liderança do Sumo-Sacerdote Simão II, o povo judeu manteve seus parcos direitos, até que a Judeia se posicionou a favor dos Selêucidas em suas disputas contra os Ptolomeus. Ela passa, então, para o domínio selêucida, que a subtraía dos Ptolomeus.

Com a passagem da Judeia do domínio dos Ptolomeus para o domínio dos Selêucidas, sob Antíoco III, a situação se agravou, pois este implantou a Helenização em seu Império, a qual foi repudiada pelos defensores do nacionalismo exclusivista judeu.

Antíoco IV Epífanês (175-164 a.E.C.), sucessor de Antíoco III, com mão forte e tirania, roubou a regalia político-econômico-religiosa da Judeia e o sistema grego - a Helenização- foi imposto em todos os sentidos. A cultura e a

religião dos judeus ficaram ameaçadas pelas ideias, cultura e religião gregas.

Para sustentar a vida das cidades e abastecer o comércio, os governos impunham pesada política agrícola e os grandes latifúndios eram alimentados pelo trabalho escravo.

Os pobres camponeses deviam manter as cidades e prover o comércio e só depois pensar na própria sobrevivência. De pequenos proprietários, os camponeses passavam a diaristas, com ínfimos salários. Tamanha exploração política, econômica, religiosa, faz irromper a reação judaica, com a Revolta dos Macabeus (167-164 a.E.C.), liderada pelo sacerdote Matatias e seus filhos João, Simão, Judas, Eleazar e Jônatas (1 Mc 1-2).

4.2 - O QUE FEZ ESTOURAR A REVOLTA DOS MACABEUS?

Sem dúvida, toda a opressão e tirania imperialistas que roubavam a liberdade, a soberania e a identidade da Nação, massacrando seu povo.

Jasão, judeu helenizado, irmão do Sumo-Sacerdote Onias III, com a ajuda do Império Selêucida, comprou o cargo de Sumo-Sacerdote e implantou a religião grega no Templo de Jerusalém. Onias III foi, então, destituído do cargo. Antíoco IV, o rei selêucida, chegou a entronizar uma estátua do deus Zeus Olímpico no Templo de Jerusalém (foi a “Abominação da Desolação”, conforme 1 Mc 1,54; Dn 11,31); também mandou sacrificar porcos no altar sagrado (animais impuros para os judeus- Lv 11,7), obrigando-os a comer de sua carne. Jerusalém fora reduzida a escombros e sua população dizimada pela fúria e tirania de Antíoco IV. Grande parte dos judeus não se renderam à helenização e as lutas continuaram, lideradas pelos Macabeus, porém a classe alta, helenizou-se.

4.3 – APOCALÍPTICA, ANTÍOCO IV E A REVOLUÇÃO MACABEIA.

A Apocalíptica, que se sistematiza com o Livro de Daniel, parece estar aliada à crise político-religiosa denunciada e enfrentada pela Rebelião dos Macabeus, em 167 – 164 a.E.C.,

sob o Império Greco-Selêucida, quando Antíoco IV Epífanes impõe a Helenização aos judeus, como vimos (imposição da cultura, religião e costumes gregos). Antíoco IV promove a perseguição dos judeus fiéis à Tradição Judaica, determina a profanação do Templo, a destruição das Escrituras, pilares da fé dos judeus, proíbe a circuncisão e as festas, ordenando a morte dos infratores...Estas medidas provocaram a grande rebelião dos que buscavam manter e preservar a identidade e sobrevida da Nação Judaico-Palestina.

A conjuntura de perseguição religiosa de Antíoco IV Epífanes, no século II a.E.C., as guerras, os problemas internos, proporcionaram muito sofrimento, perdas e questionamentos no seio do povo, que se considerava impotente para compreender a situação e, por si só, encontrar solução, percebendo que ela só poderia ser obtida por “revelação” divina (Apocalipse = revelação). Após as vitórias bélicas dos Macabeus contra o Império selêucida de Antíoco IV Epífanes, a Judeia foi governada pelo Reino Asmoneu (reis-sacerdotes, + ou _ de 140 a 37 a.E.C.), dinastia da qual descendiam os Macabeus. Com o Estado Macabeu/Asmoneu, a Nação hebraico/semita recuperou sua independência, expandiu seu território e desenvolveu uma política cultural autônoma, integrando os valores judeus e gregos de forma criativa. Mas a corrupção, os conflitos dinásticos, a exagerada Helenização, que rompeu com os ideais religiosos da Nação enfraqueceram o Estado.

Surge no horizonte, o Império Romano escravocrata, o que extrapola a periodização histórica que afeta o Livro de Daniel.

5 – AUTORIA E DATAÇÃO DO LIVRO DE DANIEL

5.1 – Quem é/são o/s autor/es do livro? Daniel existiu? Quem foi Daniel?

Por muito tempo, o livro de Daniel era considerado uma história verídica. Admitia-se que Daniel fosse um personagem histórico e o autor do livro que levou o seu nome. Ora, o livro de Daniel como toda obra apocalíptica, vale-se da pseudonímia, que consiste em adotar um personagem “famo-

so” do passado para denominar a obra, dando-lhe importância e ocultando a autoria, por precaução, em face da reinante conjuntura de opressão. Por isso, o autor não assina a obra.

Não se sabe quem foi Daniel ou Danel (Ez 14, 14.20) ou se ele existiu⁹.

O livro de Ezequiel alude a um personagem da Antiguidade chamado Daniel, famoso por sua bondade e sabedoria (Ez 14, 14.20; 28,3), que o autor cita ao lado de Noé e Jó.

E no Exílio Babilônico, teria existido um personagem com o mesmo nome, sábio e amante da justiça? É impossível afirmar. No Pós-Exílio, real ou lendário, um personagem de nome Daniel se tornou popular, pois possuía o dom, que Deus lhe concedera, de interpretar sonhos e visões.

Mesmo se for personagem histórico, Daniel, sábio e justo, se tornou legendário e popular, por isso o(s) autor(es) o escolheu/m como protagonista da obra. Observemos, então, que o protagonista não é o autor. Danel significa “Deus julga” e Daniel “Deus é meu Juiz”¹⁰.

É importante recordar que, via de regra, na Bíblia, principalmente no Primeiro Testamento, os nomes dos personagens bíblicos significam, etimologicamente, o que estes personagens foram e realizaram. Por exemplo, a juíza Débora, em hebraico Devorah, é Abelha, pois gera “mel” para a colmeia/comunidade e é “ferrão” para os inimigos da comunidade.

Daniel poderia ser obra de uma Escola de apocalípticos, que se formou, paulatinamente? Ou fruto de tradições diversificadas, às vezes até contraditórias, que foram compiladas¹¹? Tudo isso é plausível. Após muitas releituras, é evidente que a obra teve um editor final. Quem seria ele? Quem sabe um “hassid” = piedoso, da época dos Macabeus!

5.2 - DATAÇÃO – Hoje, parece consensual, entre estudiosos, que o livro de Daniel foi composto durante a perseguição do rei Antíoco IV Epífanes (175-164 a.E.C) e que fora compilado entre 167-164 a.E.C., um pouco antes da morte

⁹ Thomas Romer e outros, op. cit., p. 697.

¹⁰ L. Alonso Schokel - J.L. Sicre Díaz, op. cit., p.1264.

¹¹ L. Alonso Schokel- J.L. Sicre Díaz, ibid., p. 1265.

deste rei. Este foi um período crítico para os judeus devido à conjuntura de perseguições político-religiosas e de rivalidades internas (por exemplo, entre os que estavam a favor e contra a Helenização).

Para alguns estudiosos, os contos dos capítulos 1- 6, do livro de Daniel, são do final do Período Persa, ou do início do Período Helenista, portanto, mais antigos que as visões de Dn 7-12, que podem ser datadas de 167-164 a.E.C., na crise da Era Macabeia. Estes capítulos de Dn 1-6 aludiam à época da dominação do Império Babilônico, seguido dos Impérios Medo-Persa e Grego, relidos no presente século II das perseguições de Antíoco IV Epífanes, ditador selêucida (da Síria) ao qual se refere Dn 8-12.

O Livro de Daniel passou por distintas mãos, é fruto de uma longa tradição oral, sofreu muitas adições, antes da edição final. A Oração de Azarias, o Cântico dos três jovens em Dn 3, as histórias de Suzana, de Bel e do Dragão, em Dn 13-14, originalmente escritos em grego, são exemplos destes acréscimos. A obra foi lida por profetas, sacerdotes, sábios, piedosos (hassidim), guerrilheiros (macabeus), apocalípticos, sofreu leitura messiânica e do povo empobrecido, segundo o biblista Rafael Rodrigues da Silva.

6- GÊNERO LITERÁRIO

6.1- Daniel pertence à Apocalíptica Histórica com suas características (pseudonímia, imagens, revelação do segredo divino, intervenção de anjos, sonhos, visões...).

O/s autor/es da obra usa/m, com frequência, a alegoria, como em Dn 2-7, com “imagens que fecundaram a arte e o pensamento ocidental. Assim, a estátua gigante de vários materiais (Dn 2), o imperador transformado em fera (Dn 4), o banquete de Baltazar (Dn 5), os três jovens na fornalha (Dn 3), Daniel na cova dos leões(Dn 6), as quatro feras (Dn 7), o ancião e o filho do homem (Dn 7), todas elas foram usadas como instrumentos para interpretar a história¹²”. Talvez, muitas destas alegorias venham da literatura popular, da oralidade e da memória histórica coletiva.

12 L. Alonso Schokel J.L.Sicre Diaz, *ibid.*, p. 1261.

É possível que os contos de Daniel (Dn 1-6) contemham algumas reminiscências históricas dos Períodos Babilônico e Persa, ainda assim, não é possível provar a historicidade destes contos narrados em linguagem metafórica e alegórica.

A obra é de ficção porque, em tempos de crise, é temerário falar às claras.

6.2 - RECURSOS LITERÁRIOS DO LIVRO DE DANIEL

Como Literatura Apocalíptica, o Livro de Daniel utiliza alguns dispositivos ou recursos literários, como:

- *PSEUDONÍMLA*.
- *ANTEDATAÇÃO*, partindo do passado, o autor descreve, criticamente, a história como profecia, até chegar ao presente, acenando para o futuro, quando surgirá um novo tempo.
- *SONHOS*, que demandam um intérprete, às vezes, na figura de Daniel ou de um Anjo, constituindo profunda análise da realidade.
- *VISÕES*, que ajudam na interpretação dos fatos, tidas como revelações de Deus.
- *IMAGENS*, na simbologia, trazem explicações e são chaves de interpretação.
- *ALEGORIAS*, com expressões figuradas; usam imagens, narrativas, personagens, encobrendo uma crítica ao poder e uma mensagem de fé e esperança, reconhecíveis pelo povo da época, mas não pelos dominadores.

Por meio de imagens como animais, estátuas, árvore, dentre outras, o/s autor/es representa/m os impérios opressores e tiranos, revelando a intervenção de Deus na história e a esperança na restauração final.

7- LÍNGUAS USADAS NO LIVRO DE DANIEL

7.1- O livro de Daniel apresenta três blocos constituídos por três línguas, mas que não estratificam a obra em seu conteúdo. Isso evidencia, sim, a complexidade do seu processo de formação.

Podemos dividi-lo em: Introdução (Dn 1); narrações

(Dn 2-7); visões (Dn 8-12); narrações (Dn 13-14).

a) *Dn 1,1 a 2,4a e 8,1 a 12,13*, são textos escritos, originalmente, em **hebraico**.

- Dn 8,1 a 12,13 -contém novas visões e revelações feitas a Daniel, alternadas com profecias. **Parte Apocalíptica.**

b) *Dn 2,4b a 7,28*, escrito, originalmente, em **aramaico**, língua popular, falada a partir do século III a.E.C.,mas presente desde o Império Persa. Contém relatos dramáticos de sonhos sobre o sentido da História.

c) Apêndice - *Dn 13,1-14,42*, escrito, originalmente, em **grego**. Histórias de Suzana, de Bel e do Dragão. Críticas ao patriarcalismo e à idolatria.

8 - SONHOS E VISÕES EM DANIEL

Os sonhos e visões na Apocalíptica anunciam, sempre, a vitória de Deus sobre as potências do mal. Assim ocorre em Daniel.

a) **Capítulo 2** - O sonho de Nabucodonosor: a estátua enfoca o sentido da história e os quatro reinos (o ouro: revela o poder político-econômico; a prata, bronze, ferro e barro: representam poderes que se enfraquecem; a pedrinha transformada em montanha (obra de Deus) representa a vinda do Reino de Deus, onde o poder dos fracos derrubará os fortes (Dn 2,44-45). Os Impérios acumulam poder e riqueza, pois não partilham. O Reino de Deus é partilha da liberdade (política) e da vida (economia) gerando igualdade, justiça, conforme Ivo Storniolo, ps. 31-32.

Os materiais da estátua representam QUATRO REINOS- Ouro: Império Babilônico; Prata: Império Medo; Bronze: Império Persa e Ferro/barro: Império Grego, com os Lágidas e Selêucidas.

b) **Capítulo 3** – Estátua-ídolo de ouro feita pelo rei para ser adorada (obra de mãos humanas). Vê-se a fé inabalável, a obediência a Deus e a resistência dos 3 jovens (Dn 3,16-18), pois recusam a adorar a estátua (que representa o poder imperial), mesmo sob a ameaça de morte, sendo atirados na fornalha ardente. Mas Deus resgata os jovens. Deus é vida, o ídolo é morte. O ídolo é o deus do opressor. Salvos, Azarias

faz uma Oração Penitencial (Dn 3,26-45). Segue-se o Cântico de louvor ao Deus libertador (Dn 3, 52-90). O cap. 3 quer se referir a Antíoco IV Epífanes (século II a.E.C.), que introduz a estátua de Zeus no Templo de Jerusalém, para que o povo a adorasse e lhe oferecesse sacrifícios (1 Mc 1), à semelhança de Nabucodonosor, que também profanou o Templo.

c) **Capítulos 4-5** –Dn 4,1-6,1 alude ao julgamento e condenação do Imperialismo por seu orgulho, injustiças, sacrilégio. O sonho da grande árvore (Dn 4) trata do julgamento do Imperialismo de Antíoco IV Epífanes, cuja única saída consiste em caminhar na justiça (Dn 4,24), pois a injustiça produz empobrecimento e marginalização do povo; desfazer iniquidades e reconhecer o poder e soberania de Deus sobre os reinos humanos (Dn 4,23). Chegar até o céu é autodivinar-se (Dn 4,19); autodivinização para dominar a todos/as, diz Ivo Storniolo, p. 47; a autodivinização gera a desumanização. O desumano é como fera.

A escrita na parede (pela mão de Deus) e o banquete profano(Dn 5) revelam a queda do rei e do Império Babilônicos. Orgulho, profanação do templo, levam à queda e humilhação. Ter sempre em mente a antedatação, pois aqui se refere a Antíoco IV, rei selêucida (1 Mc 1,20-22; 2 Mc 5,15-16), no século II a.E.C., que ordenou a profanação do culto, a dessacralização do sagrado e não ao rei e Império Babilônicos..

d) **Capítulo 6** –Daniel resiste a adorar o Imperador. No texto, o/s autor/es convidam à perseverança na fé e na oração. Estimula/m à coragem, à integridade, destaca/m a sabedoria dos judeus (em Daniel, que se torna a primeira autoridade abaixo do rei). Condena/m a inveja, os golpes, mexericos e armadilhas político-religiosas na busca pelo poder, diante da fidelidade a Deus e testemunho de Daniel, que é atirado à cova dos leões. Deus socorre, liberta e salva o servo fiel (Dn 6,21-23; Sl 91, 13), pois seu Reino é de justiça e de vida e não de opressão.

Como agir para que o Reino de Deus seja sempre mais implementado?

e) **Capítulo 7** – Capítulo central no livro, que o separa em dois blocos. A visão de Daniel das quatro feras = os quatro impérios – que vêm do mar, enfocam o sentido da his-

tória. O mar é caos, as feras são os impérios ferozes. Chifre é poder: o pequeno chifre da quarta fera é Antíoco IV Epífanes com sua tirania, que já conhecemos. No livro são registradas as ações humanas (Dn 7, 11; Ap 20, 12). Dn 7 ressalta o triunfo e a soberania de Deus sobre os Impérios que dominam e massacram o povo. Deus julga e destitui do poder o opressor (1 Mc 6,1-17). Após a perseguição, o povo fiel a Deus e que realiza a justiça para com os empobrecidos, receberá o Reino (Dn 7,27), cujo representante é alguém como um “filho de homem”, vindo entre as nuvens do céu, a quem foi dado poder, glória e reino eternos (Dn 7,13-14).

f) **Capítulo 8** - Visão de Daniel sobre o carneiro e o bode, que enfoca o poderio dos impérios: choque do macedônio (grego) com o persa e sua derrota. Prediz o fim de Antíoco IV Epífanes (1 Mc 6,1-17; 2 Mc 1, 11-17). O tempo da cólera começou com a destruição do templo (586 a.E.C.) e terminará com a morte de Antíoco IV.

g) **Capítulo 9** – Intercessão de Daniel (oração penitencial) em tempo de calamidade e de pecado. Visão das 70 semanas (como 70 anos em Jr 25,11; 29,10)), visa animar os que resistem à perseguição de Antíoco IV. O destino de Jerusalém.

h) **Capítulos 10-12** – Grande visão (aparição) do Anjo (mediador divino) a Daniel. Contexto: luta entre ptolomeus e selêucidas e a vitória final: a ressurreição, para se incorporar ao novo Reino de Deus e vida eterna junto aos justos¹³. Em Dn 12,2s são formuladas as doutrinas da ressurreição do corpo e da retribuição.

i) **Capítulos 13 e 14**- Capítulos em grego. Histórias de Susana, de Bel e do Dragão. Ensino da Literatura Sapiencial e crítica contra o patriarcalismo e a idolatria.

9 - É POSSÍVEL ATUALIZAR O APOCALIPSE DE DANIEL?

No Livro de Daniel, o/s autor/es revela/m uma postura resistente, subversiva, profética, contestadora e crítica, como denúncia de um Imperialismo opressor, sufocante,

13 L. Alonso Schökel –J. L. Sicre Díaz, *ibid.*, p. 1262- 1263.

repressor. Também hoje, como o fez/fizeram o/s autor/es de Daniel, urge resgatar a luta, com base na releitura de memórias históricas, memórias dos empobrecidos, dos mártires Latino-americanos, das mulheres violentadas e de outras minorias oprimidas, diante das crises político-sócio-econômico-religiosas que nos assolam.

Mas, é preciso ter presente, que os Impérios caem, por isso, em Is 52,1 o profeta convida o povo a despertar, pois o tempo urge e a saída da opressão não pode esperar. É o mesmo convite para nós, hoje. Para tanto, é urgente ter em mente, para combatê-lo, que todo Imperialismo é forte empecilho à implementação do Reinado de Deus.

A Apocalíptica de Daniel anuncia a vitória dos fracos, despojerados, mas não sem antes promoverem o embate com os opressores. Exorta a não nos curvamos, também hoje, diante do “banquete dos poderosos” (Dn 1; 5), dos que sustentam a ideologia de partidos políticos que se “digladiam”, dos que legislam em causa própria e se tornam “inimigos do povo”, mas irmos à luta, às ruas, protestarmos, resistirmos. Sobretudo, nos incita a excluirmos os maus políticos pelo “poder do voto” e nos inserirmos nas lutas concretas por direitos à terra, aos territórios, à moradia e a todos os outros direitos humanos fundamentais. Isto é movimento de conscientização popular, política, social, religiosa. Esta é a dimensão profético-sapiencial da apocalíptica de Daniel.

Nas lutas, mantermo-nos sempre congregados pela fé e confiantes no Deus que “derruba os poderosos de seus tronos e eleva os humildes” (Lc 1,51-52), como canta Maria, a mãe de Jesus, no Magnificat. Se quebrarmos os pés de barro dos poderosos, a estátua cai. Para tanto, vale apostar na força dos fracos, dos invisibilizados.

No âmbito cultural e religioso, Daniel nos convida a mantermos posturas de diálogo e tolerância, abrindo-nos à convivência com a pluralidade de expressões religiosas e culturais como expressões de fé. É preciso ver Deus e o sagrado nas pessoas, na vida, na natureza, na arte. A manipulação do sagrado, sobretudo como argumento para a Política, é sacrílega.

Urge erradicar os fundamentalismos que sustentam

um Projeto de Poder, levam a polarizações, conflitos, violências e obstaculizam a práxis humanizadora da fé. Por exemplo: erradicar o fundamentalismo econômico que, articulado ao sistema neoliberal, nega os valores evangélicos da justiça social e da partilha, gerando exclusão, fome e exploração, ao transformar a economia em instrumento de dominação e não de vida.

Uma Igreja fundamentalista deixa de ser aberta, includente, ecumênica, sinodal, pois prefere impor dogmas, ritos e, não raro, buscar status e poder. Uma Igreja libertadora acolhe, afetivamente, a todos/as, está comprometida com os movimentos sociais, com projetos de promoção humana e luta pelos direitos das pessoas, sobretudo das empobrecidas e vulneráveis. Está atenta às realidades políticas, sociais e econômicas, lendo-as à luz do Evangelho de Jesus Cristo. Esta é uma Igreja profética, porque denuncia e luta contra as injustiças sociais e políticas, os fundamentalismos, as violências.

Com Daniel aprendemos que a história nunca foi pacífica. Por isso, no contexto atual, mantenhamo-nos “a postos” para o enfrentamento das crises sociais, ambientais, políticas, econômicas. Para tal, abramo-nos ao transcendente, mas “esperançando” e não apenas “esperando” em Deus, porque precisamos estar cientes de que devemos ser sal, fermento e luz na sociedade do “aqui” e do “agora” e isso demanda um agir dinâmico e esforço pessoal e coletivo.

A concretude do amor, o serviço aos empobrecidos, o engajamento sócio-histórico, são caminhos que todos/as nós devemos percorrer para libertar, humanizar, salvar, a exemplo de Daniel e de seus companheiros. Assim seja!

Profeta Daniel:

pedrinha X gigante de pés de barro

Povos violentados resistem diante de brutais projetos de exploração (Dn 1-2)

por Gilvander Luís Moreira

Frei e padre da Ordem dos carmelitas; doutor em Educação pela FAE/UFGM; licenciado e bacharel em Filosofia pela UFPR; bacharel em Teologia pelo ITESP/SP; mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico, em Roma, Itália; assessor da CPT, CEBI e Ocupações Urbanas; autor de livros e artigos. E-mail: gilvanderlm@gmail.com – www.gilvander.org.br – www.freigilvander.blogspot.com.br – Canal no You Tube: <https://www.youtube.com/@freigilvander> – No Instagram: [@gilvanderluismoreira](https://www.instagram.com/gilvanderluismoreira) – Facebook: Gilvander Moreira III – No <https://www.tiktok.com/@frei.gilvander.moreira>

1 – INICIANDO A REFLEXÃO

Estamos em contexto de grandes impérios, tais como o Império do capital financeiro especulativo transnacional, o Império da tecnologia da (des)informação, o Império do Consumismo, o Império da super-exploração dos bens naturais (Agronegócio exportador e mineradoras patrocinados pelo Governo Federal e sem pagar ICM pelos commodities, pela Lei Kandir), os Impérios bélicos com bombas atômicas, capazes de destruir muitas vezes a humanidade, o Império de fake news (mentiras) na internet, os Impérios de igrejas-empresas que usam e abusam do nome de Deus e de versículos bíblicos para impor a ideologia do domínio, travestida de teologia da prosperidade, o império do capitalismo cada vez mais super-explorador, bárbaro e letal.

Neste contexto de brutal desigualdade socioeconômica e com projetos políticos de extrema-direita rondando toda a humanidade, reabilitando o fascismo e o nazismo em novas roupagens, com emergência climática causada pela idolatria do mercado, que devasta a natureza, sem piedade, impondo-nos eventos extremos cada vez mais frequentes e letais, reler a profecia apocalíptica do livro de Daniel pode nos oferecer inspirações para seguirmos resistindo às investidas dos impérios que, à primeira vista, são invencíveis, mas por serem recheados de contradições e mentiras, como todo império, nascem, crescem e se desmoronam, não por queda natural, mas pela luta coletiva dos povos oprimidos e pelas contradições que vão se esgarçando. Para tanto, torna-se imprescindível a luta dos povos oprimidos, mas organizados, que irrompem como pedrinhas capazes de fazer desmoronar gigantes aparentemente indestrutíveis.

2 - O LIVRO DE DANIEL E SUA RESISTÊNCIA À IMPOSIÇÃO DE MEGAPROJETOS OPRESSORES

Na Bíblia, o livro de Daniel é um escrito apocalíptico, profecia continuada em outros moldes: simbólica e figurada. Quando o maior inimigo adquire escala internacional e, por

isso, torna-se pouco visível aos nossos sentidos e difícil de se decifrar, a profecia muda de tática e de estratégia: prioriza a linguagem simbólica, fica mais compreensiva para as comunidades perseguidas e difícil de ser decifrada pelos exploradores.

O livro de Daniel foi escrito, provavelmente, no século II antes da Era Comum (a.E.C.), época em que o rei Antíoco IV Epífanes impunha, à força, ao povo hebraico-semita a cultura grega. Não era apenas um povo, mas povos diferentes, que se irmanaram na luta pela superação da opressão e da exploração. Para isso, era necessário suprimir a cultura popular, os valores e os costumes ancestrais. Daniel tem como objetivo cultivar a esperança em tempos de grandes projetos transnacionais e busca sustentar a resistência diante das investidas brutais dos opressores.

Os capítulos 1 a 6 do livro de Daniel mostram como Daniel e seus companheiros Ananias, Misael e Azarias resistiram aos poderosos do império e, assim, foram salvos. Daniel carrega uma profunda convicção de fé: o único poder inquestionável e imbatível é o do Deus da vida; somente Ele governa a história. Todos os outros poderes, por maiores e aparentemente inquestionáveis que sejam, podem ser derrubados por aqueles que acreditam na força infinita do Deus da vida, que age nas “minorias abraâmicas”, nos servos sofrendores da história, em nós e a partir de nós (Dn 2,31-47).

Manter a identidade camponesa e os valores originários do deserto, tal como “ser vegetariano e não comer carne”, alimentar-se da comida de verdade, a dos nossos avós e tataravós, é apontado como caminho para a libertação e salvação. A resistência inicia-se pela comida e se dá, preponderantemente, no terreno da cultura. Recusar a comida do império – “comer carne de porco” – e valorizar a “comida de verdade” – a dos nossos pais, avós, bisavós, nossos ancestrais – é um ato político revolucionário (Cf. Daniel 1).

À época da caminhada dos povos da Bíblia, pelo deserto, em busca da terra prometida, “que corria leite e mel” (Ex 33,3), por causa da escassez de alimentos e de água, várias regras sanitárias de higiene foram propostas ao povo peregrino de esperança, para preservar a saúde. Neste contexto, nasceu a lei da pureza e da impureza, inicialmente como me-

didadas de higiene para garantir a saúde das pessoas, mas com o passar do tempo estas medidas de higiene acabaram recaindo no legalismo, com centenas de leis que discriminavam os pobres, os doentes, as pessoas com alguma deficiência, por serem consideradas impuras. Uma destas leis dizia que, de animais quadrúpedes, só se podia comer os que ruminassem. Por esta lei, podia-se comer carne de gado, mas de porco, não. Em tempos em que não existia geladeira, conservar a carne de porco era mais difícil e, mal conservada, poderia afetar, negativamente, a saúde das pessoas. Por isso, não se comia carne de porco. Entretanto, faz bem recordar que carne de porco era a carne favorita do império grego. Logo, desestimular o povo a não comer carne suína era também um jeito de reservar mais carne de porco para a classe dominante.

Se formos atualizar estas medidas sanitárias que garantem a saúde das pessoas, atualmente, não se poderia ingerir comida produzida com agrotóxicos, nem enlatados. Por outro lado, dever-se-ia comer alimentos produzidos no sistema da agricultura familiar agroecológica. Tomar todas as vacinas prescritas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Preservar o ambiente onde se vive. Estas são medidas que contribuem para a manutenção das condições objetivas para a vida humana, nos dias atuais.

O livro de Daniel reflete a experiência de pessoas que vivem em comunidade, pautando sua convivência e sua luta na fé dos seus antepassados, que lutaram por libertação. Elas sustentam a postura existencial de que apenas o poder do Deus da vida é inquestionável e imbatível. Os outros poderes, sejam políticos, econômicos, religiosos ou culturais, por mais prepotentes que aparentem ser, são todos derrubáveis pela ação de quem acredita que Deus é o único poder absoluto (Dn 2,31-47). É possível que o autor do Evangelho de Lucas tenha se inspirado em Dn 2,31-47 para afirmar, no Cântico de Maria, que “Deus dispersa os soberbos de coração, derruba do trono os poderosos e eleva os humildes; aos famintos enche de bens e despede os ricos de mãos vazias” (Lc 1,51-53).

O livro do profeta Daniel tem a finalidade de animar a esperança, mesmo que esta esteja por um fio, na resistência popular diante dos projetos opressores do grande capital, que

atropelam e violentam a dignidade humana e os valores culturais ancestrais e religiosos dos povos das florestas, do campo e da cidade. A profecia de Daniel busca despertar o povo do sono letárgico imposto pela ideologia dominante, que anestesia as consciências e incute subserviência e resignação diante de projetos exploradores. Busca avivar a consciência histórica de um povo que caminha de forma autônoma, com fé no Deus Javé, solidário e libertador (Cf. Ex 13,17-15,19), reproduzindo sua identidade sociocultural, permanentemente ameaçada pelas idolatrias disfarçadas de “progresso”, “valor cultural do presente” ou “última novidade”, mais do mesmo travestido de economia verde ou de liberdade abstrata. Estas são seduçãoes que, de múltiplas formas, armam ciladas para desumanizar e violar a dignidade da pessoa humana e da natureza.

No início do livro de Daniel, narra-se que “no terceiro ano do reinado de Joaquim em Judá, Nabucodonosor, rei da Babilônia, sitiou Jerusalém com seu exército” (Dn 1,1). Após quase dois anos de cerco, Jerusalém foi invadida e devastada e o templo saqueado e destruído. Nabucodonosor levou para o exílio a família real e outras famílias importantes (Dn 1,3), a melhor força de trabalho: “jovens sem nenhum defeito físico, de boa aparência” e preparados para trabalhar em áreas estratégicas, “cientistas” para servir na corte do rei (Dn 1,4). A eles foi ordenado que estudassem a literatura e a língua da Babilônia (Dn 1,4), ou seja, que assimilassem a cultura do império invasor. Deveriam “ter uma ração diária da comida e do vinho da mesa real”, isto é, comer e beber da cultura do inimigo. Isso era estratégia para cooptar os escravizados de forma que eles introjetassem e assimilassem, em si mesmos, o modo de ser e de existir dos escravocratas. O pior escravo é o que “lambe as botas” daquele que o golpeia, imaginando que, assim, irá conseguir uma sobrevida.

O profeta Daniel e seus companheiros Ananias, Misaél e Azarias, recusaram-se a comer e a beber da comida e da bebida do palácio do rei Nabucodonosor. “Vamos comer só vegetais e beber só água” (Dn 1,12). Eles fazem a opção de não se contaminarem, como sinal de crítica ao imperialismo e resistência cultural e religiosa, preservando sua identidade

ancestral. A alimentação saudável era a “espinha dorsal” da cultura de um povo que sofrera a escravidão no Egito devido ao imperialismo dos faraós e que, para conquistar a terra prometida, teve, antes, que marchar “quarenta anos pelo deserto”. A mística que anima a resistência popular passa, necessariamente, pela reprodução e valorização dos valores ancestrais camponeses. Preservar os valores culturais é um princípio ético indispensável na luta para resistir e desmorrionar os megaprojetos exploradores.

Em contexto de escassez, tornou-se imprescindível cuidar da qualidade dos alimentos. Por isso, as regras alimentares deviam ser levadas a sério (Cf. Ez 4,13-14; Os 9,3; Est 4,14; Jt 10,5; 1Mc 1,62-63; 2Mc 6,18-31). Após dez dias, o capataz do império babilônico viu que aqueles que se alimentaram apenas com vegetais e água – ou seja, com a “comida de verdade”, a dos Macabeus, protagonistas da resistência popular, diante da opressão do rei Antíoco IV Epífanes, que os obrigava a comer carne de porco – estavam mais saudáveis. Ao final de Dn 1, diz-se que “Daniel ficou trabalhando e servindo na casa real até o primeiro ano do reinado de Ciro” (Dn 1,21), cerca de 50 anos.

Na Bíblia, encontramos muitas narrativas de grandes projetos que foram enfrentados por povos injustiçados e marginalizados, entre os quais destacamos seis: 1) A Construção da Torre de Babel (Gênesis 11,1-9); 2) A construção de um bezerro de ouro (Êxodo 32,1-35); 3) A estátua gigante de pés de barro do livro do profeta Daniel (Daniel 2,1-49); 4) O mercado no entorno do templo de Jerusalém (Mateus 21,12-13; João 2,14-16); 5) O comércio ao redor da deusa Ártemis (Atos 19,23-40); 6) O dragão do Apocalipse (Apocalipse 12,1-12).

3 - CAMINHANDO COM DANIEL 2,1-49

Detenhamo-nos no grande projeto bíblico da estátua gigante de pés de barro (Daniel 2,1-49), que simboliza todos os sucessivos impérios opressores e exploradores, com seus poderes econômico, político e ideológico, na esperança de que ele nos inspire a assumir posturas e compromissos na militância pela construção de uma sociedade anti-imperialista,

justa e solidária, diante dos atuais, grandes e brutais projetos do capitalismo, em sua fase neoliberal, neocolonial.

Segundo o capítulo 2 de Daniel, o rei Nabucodonosor fica profundamente perturbado por um sonho enigmático. Assustado, exige que os sábios – magos, astrólogos, agoureiros e adivinhos – não apenas interpretem, mas adivinhem o sonho que tivera. “O rei nos exige algo sobre-humano”, reconhecem eles. Diante da incapacidade dos “sábios”, o rei ordena a pena de morte para todos. Condenado à morte, Daniel pede um prazo e, em uma visão, Deus lhe revela o mistério do sonho, deixando Daniel agradecido por uma “brecha” que o faça escapar da execução da sentença de pena de morte (Daniel 2,20-23). Levado diante do rei, Daniel desmascara o pretense poder dos sábios: “Não são capazes de desvendar o segredo... Mas há no céu um Deus que revela os segredos” (Daniel 2,27-28). Ou seja, pretensos sábios usam, em vão, o nome de Deus e, diante disso, torna-se necessária uma teologia libertadora, que compreenda “os segredos de Deus” nas entranhas da história. “Mas há no céu...” Esse “mas” é uma conjunção adversativa que revela outra força e luz contrastantes. Trata-se da luta pela afirmação do Deus do povo exilado contra os ídolos de todos os impérios. Daniel, então, revela o sonho e sua interpretação, mostrando o que acontecerá “nos últimos dias”.

Eis o que o rei viu em seu sonho: uma grande estátua, alta e muito brilhante, de aparência impressionante, composta por metais de valor decrescente (ouro, prata, bronze, ferro, ferro e barro). A cabeça era de ouro maciço; o peito e os braços, de prata; a barriga e as coxas, de bronze; as pernas, de ferro; os pés, de uma mistura de ferro e barro (Cf. Daniel 2,31-33). Então, sem que ninguém a tocasse, uma pedra soltou-se de uma montanha, atingiu os pés da gigante estátua e os despedaçou. Imediatamente, toda a estátua desmoronou, transformando-se em pó. Isto recorda a profecia bíblica de Gênesis 3,19: “Tu és pó e ao pó retornarás.” Ninguém e nenhum poder construído será imortal, mas na história será reduzido a pó. A pedra, então, tornou-se uma grande montanha que encheu toda a terra.

Daniel interpretou o sonho do rei da seguinte forma:

“Vossa Majestade é a cabeça de ouro. Após o seu reino, surgirá outro, inferior (prata), depois um terceiro (bronze) e um quarto, duro como o ferro. No entanto, este último reino terá pés, parte de ferro e parte de barro: forte por um lado, mas fraco e dividido por outro” (Daniel 2,37-45). Provavelmente, os reinos dizem respeito aos impérios Babilônico, Medo-Pérsico, Grego e Sírio, cujo rei é Antíoco IV. Essa divisão interna e contraditória é sua fraqueza fatal. Então, Deus suscitará um reino que nunca será destruído. Esse reino é simbolizado pela pedra que, “sem auxílio humano”, rolou da montanha e esmiuçou a gigante estátua. “Rolar da montanha” significa que tem origem divina, o que, no mais profundo, não exclui a participação humana, pois não há dicotomia entre divino e humano, duas faces da mesma moeda.

A expressão hebraica *dī lā' bīdayinla* significa, literalmente, “que não [foi] por mãos”. A Bíblia, frequentemente, apresenta uma tensão entre ação divina e ação humana na implementação do reinado divino. A salvação é obra de Deus (Ef 2,8), mas as pessoas cristãs são “cooperadoras de Deus” (1 Co 3,9). A pedrinha se desprende da montanha “sem ação humana”, isso para afirmar a origem divina, mas os discípulos e as discípulas de Jesus Cristo são chamados a ser “pedras vivas” (1 Pedro 2,5), na construção do reinado divino. Nos Evangelhos, Jesus alerta aos discípulos e discípulas que não podem dar uma de Pilatos e “lavar as mãos” diante das injustiças que deixa o povo faminto e enfatiza: “Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mc 6,34-44). Portanto, não podemos aceitar a postura dualista que insiste em excluir da ação divina toda e qualquer ação humana. Se observarmos o processo mais complexo, mesmo que não tenha tido no imediato ação humana, no processo mais amplo e profundo, com certeza, teve-a e sempre a tem. Divino e humano são “carne e unha”. Acontece que o/s autor/es do livro de Daniel quer/em enfatizar o poder maior da ação divina.

“Os pés e os dedos, parte de ferro e parte de barro, significam um reino dividido” (Dn 2,41-42), podre, pois é contraditório, sustentado por mentiras, exploração e violências sem fim. Assim como numa corrente, o elo mais frágil é, paradoxalmente, o que determina sua força total – pois, se

ele se rompe, toda a corrente se parte –; os pés da estátua, em especial os dedos (até o mindinho), são a base que sustenta todo o corpo. Sendo constituídos de materiais incompatíveis – “ferro e barro” não se misturam (Dn 2,43) –, representam o ponto mais frágil. Um golpe nessa base faz desmoronar toda a estrutura.

O capítulo 2 de Daniel termina dizendo que o rei se prostrou diante dele e reconheceu a sua profecia. Tentou cooptá-lo, propondo fazê-lo governador de todas as províncias da Babilônia, mas ele não aceitou. Sugeriu que o poder fosse exercido por outras lideranças da confiança de Daniel. Assim, a profecia seguiu o seu caminho.

Em contextos políticos de poderosos exercendo o poder, pretendendo ser onipotentes, é tremendamente revolucionário afirmar, como o fez o profeta Daniel, que o único poder imbatível é o de Deus e só ele está no “volante” da história. Assim, ele deslegitima os pretensos poderosos e afirma outro poder que não é o exercido por nenhum ser humano. Entretanto, segundo a Teologia da Libertação, o único poder que Deus tem é o poder do amor, pois “Deus é amor” (1Jo 4,8), ou seja, o amor é Deus. Logo, o poder do Deus da vida está em nós, especialmente nos empobrecidos, permeando e permeando a trama das relações humanas e sociais. O divino está no humano. Sem a participação humana, tecendo novas relações e construindo instituições com o poder democratizado, não é possível fazer desmoronar os podres poderes. Reconhecer a beleza espiritual da profecia de Daniel, a estátua gigante sendo desmoronada por uma pedrinha, é dizer: a última palavra será dos que defendem condições objetivas de vida e de liberdade para todos e todas, e não dos podres poderes.

Isso suscita esperança e faz a luta continuar. Assim como o/a ciclista mantém o equilíbrio ao olhar para a frente, cultivar uma utopia revolucionária é vital e imprescindível.

No contexto da resistência dos povos bíblicos explorados, a pedrinha pode ser interpretada como a luta dos povos oprimidos, inspirada por Deus contra o domínio selêucida, que insistia em expandir o império grego sobre uma gama maior de povos.

A interpretação de Daniel desmistifica a aparente so-

lidez do império. A estátua, embora imponente, tem pés frágeis – sinal de que o poder opressor não é invencível. A pedra pequena que destrói a estátua é uma metáfora da resistência dos pequenos que vence a arrogância do poder, assim como a iniciativa de uma criança ao partilhar os cinco pequenos pães e os dois pequenos peixes que possuía interpelou a consciência da multidão, que resolveu partilhar um pouco do que tinha e, assim, aconteceu o milagre da partilha/multiplicação dos pães, superando uma gigantesca injustiça que significava o povo estar passando fome. Foi tão eloquente este acontecimento que foi narrado seis vezes nos quatro evangelhos da Bíblia¹⁴.

O eixo da literatura apocalíptica de caráter histórico é o confronto Império-Povo, por isso a teologia apocalíptica é sempre teologia política. A literatura apocalíptica é também uma literatura de esperança, que alimenta a perseverança dos povos reunidos nas lutas justas e necessárias. Sempre se anuncia o juízo de Deus, que põe fim à situação de opressão e de exploração. O fim será a destruição da estátua gigante e a instauração do Reinado divino, a partir do aqui e do agora.

No capítulo 2 do Livro de Daniel, o reino de Deus, que é um reino de justiça, de paz e de solidariedade, é simbolizado por uma pedra que se desprende da montanha, sem a intervenção imediata da mão humana e destrói a estátua gigantesca que representa os impérios e que, depois de destruí-la, se transforma em uma grande montanha que encheu toda a terra (Dn 2,35). Eis um Projeto de esperança e utopia que aponta para um projeto de sociedade alternativa, baseada na justiça e na soberania de Deus.

A pedra que se desprende da montanha e destrói a estátua representa o povo dos mártires, as minorias abraâmicas, todos os que insistem em andar na contramão “atrapalhando o sábado”, conforme canta Chico Buarque, seguindo por outros caminhos. Enfim, nos lembra todas as conquistas libertárias já vivenciadas na história. É luz não apenas no fim do túnel, mas no meio do túnel.

A estátua de pés de barro é a imagem perfeita dos

14 Cf. Mt 14,13-21; Mt 15, 32-39; Mc 6,30-44; Mc 8,1-10; Lc 9,10-17; Jo 6,1-15.

grandes projetos opressores de hoje. Eles se apresentam com a cabeça de ouro do marketing, com ritmo cada vez mais acelerado na produção, circulação e consumo e do “desenvolvimento” para uma minoria, à custa da exploração da maioria e da devastação dos bens da natureza; o peito de prata do capital financeiro internacional, as coxas de bronze do aparato estatal e militar que os sustenta e as pernas de ferro de uma exploração implacável dos bens naturais e do trabalho precarizado. No entanto, seus pés são de ferro e barro: alicerçados em injustiças, desigualdades, mentiras, destruição ambiental e na negação da dignidade humana e na trituração da natureza, que é sagrada e tem muitos direitos.

Os “novos colonialismos” – seja o extrativismo predatório, a financeirização da natureza, a invasão de territórios tradicionais por grandes empreendimentos ou a imposição cultural e econômica por meio da idolatria do mercado e endividamento dos povos – são impérios modernos com pés de ferro e barro. Eles são intrinsecamente divididos: prometem prosperidade para todos, mas geram exclusão; vendem a imagem de solidez, mas são frágeis, porque sua existência depende da submissão de muitos para o benefício de poucos. A crise climática nos deixando à beira de um brutal colapso climático, as pandemias de desigualdade, as revoltas populares e a resistência dos povos originários são as “pedrinhas” que, vindas da “montanha” da organização e da consciência coletiva dos movimentos populares, começam a golpear essa base frágil.

O capítulo 2 de Daniel termina com o rei Nabucodonosor prostrando-se diante do profeta apocalíptico e reconhecendo o Deus de Daniel. Tentou cooptá-lo, oferecendo-lhe o governo da Babilônia, mas Daniel recusou, indicando outros para os cargos. Assim, a profecia e a resistência seguiram seu curso.

Em contextos políticos onde os poderosos se julgam onipotentes é, tremendamente, revolucionário afirmar, como fez Daniel, que o único poder imbatível é o de Deus e que só Ele está no comando da história. Dessa forma, deslegitimamos os pretensos poderosos e apontamos para um poder que não é exercido por nenhum ser humano

4 – REUNINDO A REFLEXÃO

Enfim, o/s autor/es enfatiza/m que Daniel 2 não é apenas uma profecia sobre reinos que um dia serão desmoronados, mas uma ferramenta de resistência e esperança das comunidades oprimidas e injustiçadas. A interpretação de Daniel revela a fragilidade dos impérios na sua aparente onipotência, a força da fé e da resistência dos humildes e pequenos que, em comunidade e irmanados com os movimentos sociais populares, lutam por direitos e pelo que é justo, a utopia de um reino de justiça, que nasce da ação divina indissociada da luta dos povos injustiçados. Nossa interpretação convida a enxergar, por trás das imagens apocalípticas, um projeto político de libertação.

Em Dn 2,1-49 está, também de forma enfática, o aspecto profético da natureza. A pedrinha e a montanha integram a natureza e o Deus dos povos oprimidos, o Deus de Daniel, que se revela também em ação da natureza. Na Bíblia, há várias passagens que afirmam a Natureza como Profética. A natureza, como criação de Deus, é um instrumento através do qual o divino se comunica, julga e salva. As pragas do Egito (Ex 7-12) são um exemplo clássico. Elas não são meros “desastres naturais”. São atos de juízo divino (“maravilhas” ou “sinais”), que desmascaram os deuses do Egito. O Nilo avermelhado como sangue era adorado como uma divindade; Rá, o deus sol, era representado por uma rã; etc. Assim, Deus demonstra seu poder sobre a cosmovisão religiosa egípcia.

As pragas revelam o conflito entre a opressão e a libertação: Jahweh, o Deus dos escravizados hebreus, é mais poderoso que Faraó, o deus encarnado do maior império da época.

As pragas são profundamente políticas, pois confrontam, diretamente, a estrutura econômica e social do Egito, que dependia da exploração do trabalho escravo. Outros exemplos da Natureza sendo profética na Bíblia: O Dilúvio (Gn 6-9): as águas de uma brutal inundação são usadas como juízo e, paradoxalmente, como instrumento de um novo começo. Na Sarça Ardente, em Êxodo 3, um elemento natural, o fogo, torna-se o meio da revelação divina e da missão de Moisés. No terremoto do Monte Sinai (Ex 19), a natureza reage à pre-

sença de Deus, estabelecendo um pacto, uma aliança. No Discurso da Montanha (Mt 5-7), Jesus usa elementos da natureza (os lírios do campo, os pássaros) para revelar o caráter e a índole de Deus.

A Estátua de Dn 2, simboliza os Impérios Opressores. Com sua sequência de metais, a estátua representa a sucessão de impérios que, ao longo da história, oprimiram e exploraram os povos. São estruturas de poder idólatras (a estátua é um ídolo), que se consideram absolutas e divinas. A pedra que rola da montanha, aparentemente sem ajuda humana, representa a ação libertadora de Deus. A opção pelos pobres vê, na pedra, a certeza de que a libertação jamais virá do sistema opressor. Não será uma reforma do sistema de ferro e barro, que é frágil, mas sua destruição e superação completas.

A história da América Latina foi profundamente marcada por dois poderosos impérios – português e espanhol -, com um agravante: ambos traziam a marca da Cristandade, a união entre a Cruz e a Espada, exercendo a dominação dos povos, em nome de Deus, distorcendo totalmente a consciência do Deus da liberdade, da justiça e da Vida plena. Onde estão, hoje, suas forças política, militar e econômica? Evaporaram-se no tempo, em pouco tempo, como também o Império Inglês.

Nos séculos de imperialismos nas terras latino-americanas, muitas “pedrinhas” de resistência rolaram sobre os pés dos senhores capachos dos Impérios, minando, aos poucos, o seu pretenso poderio. Mencionar os movimentos de resistência: Tupac Amaru, Resistência das Missões Guaranis no sul do Brasil, Cabanadas, Canudos com Antônio Conselheiro, Quilombo dos Palmares com Zumbi e Dandara, Contestado no sul do Brasil, Ligas Camponesas ... torna-se imprescindível.

A Teologia da Libertação enfatiza que, embora a força e a iniciativa sejam de Deus, os pobres e oprimidos são os agentes privilegiados por meio dos quais Deus age. O “povo da pedra” (a comunidade de fé comprometida) é chamado a participar ativamente no processo de libertação, confiando que a vitória final é do reinado de Deus. Eles não “cortam a pedra”, mas são “rolados” por ela na história, sendo instrumentos do Reino.

Deus não é neutro, toma partido pelos escravizados e serve-se da natureza para desestabilizar a ordem injusta. A natureza “profetiza” contra os opressores e anuncia a libertação dos oprimidos.

Devemos compreender Daniel 2 como uma poderosa mensagem de esperança e resistência para os oprimidos: os impérios, por mais sólidos que pareçam, são frágeis e transitórios. A libertação definitiva é sinal do agir de Deus na história, frequentemente, através da organização e da luta dos pobres, por meio dos Movimentos Sociais Populares, para estabelecer seu Reino de justiça. A natureza, assim, não é neutra, mas pode se levantar como sinal profético contra a injustiça.

Enfim, quais seriam, hoje, as “pedrinhas” que rolam e que podem abalar o poderio dos grandes impérios? O poder e a força de Vida dos Movimentos Sociais Populares, dos Movimentos dos Direitos Humanos e em Defesa da Vida, pela Paz?

Daniel: entre resistir e esperar

por José Horácio Santana - Zé do Cerrado

Licenciado em Filosofia pela PUC-MG; Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte-MG; membro do CEBI desde 1981.

INICIANDO A CONVERSA

A origem deste texto

Era o ano de 2021, atravessávamos o turbilhão catastrófico do pandemônio político e a desconhecida e, logo temida, pandemia da Covid-19. Tudo era temor e incerteza! Caminhávamos entre a necessidade do isolamento e o desejo de não parar de trabalhar e conviver com as pessoas. Foi então que a nossa incansável e inventiva secretária do CEBI-MG, Marilda Ponciano, e mais algumas companheiras, tomaram a iniciativa de produzir um trabalho virtual de formação bíblica, com o foco nas chamadas “novelas bíblicas”. Confiaram a mim a construção do texto de Daniel; aceitei o desafio. Neste ano de 2026, em que o Livro de Daniel foi escolhido como livro de reflexão para o Mês da Bíblia, retomo o trabalho passado, com algumas adaptações e o apresento ao público Cebiano, das CEBs e às Comunidades que ligam fé e vida. Tenham presente esta trajetória histórica do texto – a Pandemia, o pandemônio político e os acontecimentos últimos do poderio em crise dos impérios atuais.

Lembramos aqui as marcas daquele tempo de trevas, que não se dissiparam, da noite escura, que ainda não atravessamos, que permanecem, em boa medida, no tempo em que estamos vivendo:

- Tempo de patologias e de pandemônios políticos.
- Tempo de travessia do deserto.
- Tempo de solidão na multidão.
- Tempo do imperialismo do capital financeiro especulativo neoliberal, dinheiro produzindo dinheiro, gerando cada vez mais famintos e injustiças.
- Tempo de agressão e devastação da Natureza em nome do lucro farto, deixando um rasto de destruição e morte.
- Tempo do conservadorismo religioso e cultural, moralista, negacionista, alimentando a ignorância, o obscurantismo e a estupidez.
- Tempo de culto à lei do mais forte, da força bruta, da supremacia do varão, “macho”.

- Tempo de propagação da violência e do preconceito (assassinato, feminicídio) contra os mais vulneráveis (crianças, pobres, negros, mulheres, indígenas, LGBTQIA+).
- Tempo de uso e abuso do nome de Deus, inclusive a serviço da politicagem rasteira;
- Tempo da idolatria do poder e da morte em nome de Deus.
- Tempo de crenças religiosas etéreas e alienantes.
- Tempo de sedução do luxo, da ganância e do consumismo hedonista.
- Tempo de indiferença pela dor do outro e do individualismo meritocrático.

Isso não reflete uma lamentação desesperada, mas um realismo nefasto frente ao tempo que nos é dado a viver na História. É nele que devemos testemunhar nossa Fé no Cristo Ressuscitado, vencedor da morte. É n'Ele que está nossa Esperança e é com Ele que iremos resistir às investidas dos impérios do Anti-Reino de Deus. Se o nosso tempo é tempo de muitas DES-graças, é também tempo de GRAÇA (Kairós – tempo de Salvação). Tempo de Resistência! Tempo de ESPERANÇAR!

Por isso, o nosso enfoque, nossa chave de leitura de Daniel, será sempre: RESISTÊNCIA e ESPERANÇA! Nosso objetivo é destacar no Livro de Daniel a presença de uma firme RESISTÊNCIA frente ao poderio do Império Grego e uma lúcida e inabalável ESPERANÇA (esperançar lutando) pelo triunfo do Projeto do Deus Libertador e Senhor da História. Ambas atitudes são extremamente necessárias para os tempos que estamos vivendo, sob o domínio dos imperialismos do poder político-econômico das grandes potências mundiais, do poder da tecnologia da informação (Big tecs), da ameaça da “Inteligência Artificial”, do fascínio do consumismo, do prazer hedonista e da sedução do sucesso social a qualquer custo.

Nesse contexto, RESISTIR, ESPERANÇAR e trilhar o CAMINHO DO REINO, anunciado por Jesus de Nazaré, são grandes desafios e uma provocação à nossa Fé Cristã. Fugir ou negligenciar este apelo é recusar o convite/envio do Mestre Jesus de Nazaré: “Eis que vos envio como ovelhas no

meio de lobos...” (Mt 10,16-20).

Duas observações

1ª) A maioria dos/as “mestres/as” da leitura bíblica recomenda iniciar o estudo pela leitura minuciosa do texto bíblico em questão. Concordamos com isto. No caso do Livro de Daniel, propomos, antes da leitura do livro, (certamente, você já leu pelo menos parte dele), uma introdução à literatura apocalíptica, por ser ela uma característica marcante desse livro. Também apresentaremos um breve contexto histórico do livro e suas características gerais, para serem conhecidos realizadas antes de sua leitura. Contudo, se alguém preferir ler o livro primeiro, fique à vontade. O importante é ler o Livro de Daniel com um olho no retrovisor, tempo em que o livro foi escrito (sob o domínio do imperialismo grego), e com outro olho no tempo em que estamos vivendo (imperialismos modernos).

2ª) Alguns autores falam em “movimento apocalíptico”, outros, apocalíptica ou literatura apocalíptica, e até mesmo “apocalípticos”. Para nós todos os conceitos podem ser tomados como equivalentes. Trata-se de um estilo de literatura bíblica ou de um recurso/estilo de linguagem presentes em alguns livros da Bíblia, cujos representantes máximos são o Livro de Daniel (1º Testamento bíblico) e o Apocalipse (2º Testamento bíblico). É importante observar que a apocalíptica se faz presente também na literatura, nas artes e na poesia. Ela pertence à família da metáfora, da parábola e da simbologia.

Antes de abrir o livro: O MOVIMENTO APOCALÍPTICO

a) O movimento profético e o movimento apocalíptico

“No período da Monarquia de Israel (1000-586 a.C.), não existia o movimento apocalíptico, havia o movimento profético. A voz dos profetas/profetisas era a voz do povo e a voz de Deus, marca o universo bíblico” (FRIGÉRIO, 2007, p.

29). Grosso modo, a profecia cessa com o fim da Monarquia. Percebemos já, em alguns escritos proféticos, a “saudade” da atuação dos profetas (ver Zc 1,4; Ez 38,17). Até diziam: “A mão de Deus mudou. No passado, falava ao povo, agora, já não fala mais. Na verdade, aí estava a esperança de um retorno da profecia” (Ez 39,29).

O tempo foi passando e a profecia não retornava. Assim, aos poucos surgem o movimento e a literatura apocalíptica, consolidando-se no II séc. a.E.C., para divulgar suas ideias e ideais. Arriscando uma síntese, pode-se definir o movimento profético em duas palavras: denúncia e defesa da justiça, contra os impérios. O movimento apocalíptico vai além da denúncia e clama por: resistência e defesa da liberdade, contra os imperialismos. Os textos apocalípticos surgiram em tempos de dura dominação imperialista. Os profetas tinham como alvo de suas denúncias o regime monárquico; os apocalípticos, por sua vez, desmascararam a monstruosidade dos imperialismos de todos os tempos, pois imperialismo é sinônimo de ausência de liberdade e de autodeterminação dos povos; e onde isso acontece, o Reinado de Deus não acontece (ROSSI, 2018, p. 40-41).

b) Características do movimento apocalíptico

O mundo dos apocalípticos é outro mundo. Um mundo cheio de visões, de animais estranhos, de símbolos, de trombetas e de pragas que se juntam, formando figuras. Tudo muito longe da nossa linguagem habitual. Mas qual é a finalidade, o objetivo, de tudo isso? Podemos dizer que é um estilo de linguagem. Só compreende quem é iniciado. Quem não é iniciado fica por fora. A linguagem dos apocalípticos é linguagem compreensível ao povo das comunidades em tempo de perseguição. Muitos dos símbolos e das imagens são tirados do passado, são do 1º Testamento. Encontramos mais de quatrocentas citações no Apocalipse. A ação maravilhosa de Deus no passado em favor do seu povo, trazida para o presente, comunica a paz que vem de Deus, anima, conforta e dá coragem na luta (FRIGÉRIO, 2007, p. 32).

Para transmitir sua mensagem, os apocalípticos usa-

ram alguns truques (cf. BORTOLINI, 2018, p. 57-58), que só os iniciados conseguem decifrar. Sua finalidade era driblar a censura e a vigilância do imperialismo grego sobre os escritos. Vejamos alguns deles:

- **O uso de pseudônimos.** Os autores apocalípticos, com razão, se escondem por trás de um personagem famoso do passado, e assim permanecem anônimos. Além disso, o fato de usar o nome de alguém famoso confere maior credibilidade à mensagem. Mais ainda: o fato de parecer obra de alguém do passado tinha mais chances de não incomodar a vigilância.
- **O recurso aos sonhos.** O Livro de Daniel recorre aos sonhos como forma de transmitir uma mensagem. Evidentemente, trata-se de sonhos construídos, isto é, inventados pelo autor. Mas, no fundo, eles têm a mesma força daquele líder negro norte-americano (Martin Luther King) que dizia: “Eu tive um sonho ...”!
- **O uso das visões.** É outro recurso frequente nos autores apocalípticos. Também, aqui, trata-se de visões construídas, isto é, o autor traduz em visões a leitura profunda que faz da sociedade e do momento em que vive. Quem não está por dentro do assunto acha tudo isso “coisa de louco”, de visionário, no sentido pejorativo do termo.
- **O recurso à linguagem simbólica.** Os textos apocalípticos são altamente simbólicos. Infeliz de quem os “toma ao pé da letra”, ou seja, os interpreta literalmente. A linguagem simbólica abrange vasto campo: animais, roupas, cores, números, datas, fenômenos cósmicos ou atmosféricos etc.
- **“Previsões” de coisas/fatos que já aconteceram.** É um recurso que põe em crise quem faz leitura fundamentalista. Os apocalípticos gostam de fazer “previsões”, mas não têm a bola de cristal, nem enxergam mais além do quanto enxergam os simples mortais. Eles usam o seguinte critério: recuam alguns anos (ou até séculos), em relação ao tempo em que vivem, e descrevem as coisas acontecidas como se ainda estivessem por acontecer, usando verbos no futuro, quando, na realidade, já são coisas pas-

sadas. Não conhecendo o que será amanhã, quando chegam à data em que vivem, declaram “então será o fim”, ou então, falando a partir do presente, as pessoas vão dizer: “é o fim dos tempos”, como estava escrito na Bíblia!

• **UM ENSAIO DE APOCALÍPTICA:** Uma atividade interessante seria narrar o momento da Pandemia, melhor Sindemia, como disse Frei Betto, que estávamos vivendo em 2021, como se estivéssemos vivendo na Ditadura Militar, no início da década de 1970.

Só para começar

No tempo em que a Ciência era a rainha do saber, em que a tecnologia realizava todos os desejos de dominação de boa parte da Humanidade, em que o Capitalismo financeiro especulativo neoliberal dominava a economia dos países ricos e afogava na miséria os países pobres, em que os EUA eram governados por Tio Samtropeira, (o “coiso” de lá, Trump), a China por Xi Mexeu Ximbargo (alusão ao embargo das vacinas pela China diante das provocações de membros do desgoverno brasileiro), e o Brasil pelo Capitão Jamebol (iniciais do nome do Bozo), cuja cor preferida era verde-oliva, seu hobby era colecionar armas e seu esporte preferido era tiro ao alvo. Seu guru-mestre era Oliva da Terra Plana, forasteiro no hemisfério norte-americano. A Mãe de Santo, Menininha do Gantois, teve um SONHO. Ela sonhou que das profundezas, não se sabe se da terra, das florestas, ou dos mares, se do Oriente ou do Ocidente, surgiu um monstro invisível, logo lhe deram o nome de COVID-17 (17 - novamente alusão ao Bozo)., Ele atacava as pessoas de maneira invisível e letal, causando sofrimentos horríveis e a morte... Experimente continuar...!!!

c- A mensagem da apocalíptica

À primeira vista, os escritos apocalípticos parecem textos alienantes, ilusórios, mas é pura impressão. Longe de levarem as pessoas à acomodação, eles estimulavam à resis-

tência. Não eram alienados, nem alienantes, como podem dar impressão pelo uso de imagens e símbolos fantasmagóricos.

Eles trazem uma mensagem estimulante: Deus não quer que uma nação domine outra, seja qual for a nação dominante ou dominada. A única realidade almejada (a sua mística) pelos apocalípticos é o Reino (ou Reinado) de Deus, que deseja liberdade e vida para todos. Eles não suportam a dominação de uma pessoa sobre outra, de um grupo sobre outro, porque o Reinado de Deus se opõe radicalmente a essas dominações. Os imperialismos se impõem e dominam pela força das armas, da cultura, da ideologia, dos costumes etc., de modo que todos devem pensar e agir como pensam e agem os dominadores. O Reinado de Deus abomina todas essas coisas e proclama a suprema verdade: Deus criou o ser humano livre, se não o fosse não seria imagem e semelhança dele. O Livro de Daniel e, mais tarde, o Apocalipse propõem esse caminho alternativo. Daniel fala de Reino de Deus e o Apocalipse termina apresentando a Nova Jerusalém, sem mediações, inclusive a religiosa (ausência de Templo), aberta ao mundo inteiro (três portas para cada um dos quatro lados). Esse é o sonho dos apocalípticos, sonho que os imperialismos poderão, sim, retardar, mas não impedir (cf. BORTOLINI, 2018, p. 57).

O objetivo da literatura apocalíptica é ajudar os povos que lutam por libertação a situarem-se no presente. Por meio de visões, transporta-se para momentos históricos do passado. Estando no passado, ele olha o futuro e descreve a história em etapas até a vitória final. Voltando para o passado e olhando para o futuro, ele situa o presente, fazendo da história uma história de salvação. O povo, as comunidades, escutando e lendo, situam-se: o momento de crise e de perseguição é parte da caminhada, é um momento que passará. Então, a meta final, o plano de Deus, vai se realizar. Pode-se dizer que a apocalíptica quer mostrar que os impérios são maus, pois têm a pretensão de serem os “senhores do mundo”. Ela quer ajudar os povos a não serem ingênuos. Convidando a resistir diante da falsa propaganda que quer penetrar na vida dos povos de Deus e que, ao assimilar a ideologia dos impérios, serve de adubo a um sistema que é contrário ao Reinado de Deus.

Pode-se sintetizar a mensagem da “boa-nova” dos apocalípticos da seguinte forma: **Deus é o Senhor da história! A história não saiu dos trilhos, pois Deus a conduz.** Os opressores se iludem, pensando ser os donos dos povos e do universo. Mas, eles vão ser derrotados. Deus é o autor e senhor (pai/mãe amoroso/a) da história e realiza seu plano pela resistência e perseverança dos que lhe são fiéis. É mensagem de resistência e esperança, não de medo, nem de derrota! A boa-notícia, expressada em linguagem apocalíptica, tem sua própria forma, sua linguagem e suas próprias regras. Em tempos de crise não é fácil alimentar a esperança e vislumbrar um horizonte novo e belo. Porém, a revelação da verdade e a memória dos episódios de tirania podem ser luzes para que não caiamos na mesma armadilha. Aliás, é nosso dever fazer memória de tantas pessoas que tombaram, se sacrificaram por acreditar e lutar por um mundo justo e solidário. Sendo a apocalíptica o desocultamento (desvelamento – tirar o véu!) da realidade de opressão e a revelação da presença libertadora de Deus na história, olhar e analisar o passado e o presente, a partir deste ponto de vista, pode nos ajudar a traçar caminhos para um futuro de democracia plena, de justiça e paz, de liberdade e respeito às diferenças. (Assistam ao vídeo APOCALÍPTICA, do Rafael Rodrigues, ele complementa, amplia e reforça, com maestria e sabedoria, a nossa compreensão da “literatura apocalíptica”).

2- CONHECENDO O LIVRO DE DANIEL

O livro de Daniel fascina muitos leitores por causa de sua linguagem e inúmeras imagens. Isto, por si só, atíça o imaginário religioso sensacionalista e esotérico. No entanto, esta linguagem, aliás, recurso de linguagem, faz parte da apocalíptica. Quando não se leva isto em consideração, tem-se uma compreensão equivocada, levando a interpretações fantasmagóricas e sem qualquer inserção na realidade histórica.

Não devemos seguir o pensamento comum, segundo o qual ele seria um livro profético no sentido tradicional, objetivo, da profecia. Alguém certamente ouviu dizer que ele pertence ao grupo dos “profetas maiores” (Isaías, Jeremias,

Ezequiel e Daniel). A Bíblia hebraica não o considera profeta, colocando-o entre os “Escritos”. O movimento profético havia cessado há tempo. Estamos à distância de mais ou menos 300 anos da atividade de Malaquias, o último profeta a ter suas palavras registradas no 1º Testamento. Daniel não é livro profético, tampouco histórico. Há nele uma nítida despreocupação com datas e personagens. Por exemplo: Baltazar (Dn 5,2) não era filho de Nabucodonosor, mas de Nabônides, e nunca foi rei (BORTOLINI, 2018, p. 54). Supondo já uma primeira leitura do livro de Daniel, voltemos nossa atenção para a presença nele da literatura apocalíptica.

a- O livro de Daniel e a apocalíptica

“O livro de Daniel é, no 1º Testamento, a máxima expressão do movimento apocalíptico, pode-se dizer que ele é o ‘pai’ do movimento.” (BORTOLINI, 2018, p. 54). É verdade que encontramos seu esboço inicial nos oráculos contra as nações em Amós, Isaías e Jeremias e outros profetas. A partir do II séc. a.C., produziu-se muita literatura nesse campo epistêmico, mas Daniel é seu único representante no 1º Testamento (como o é o Apocalipse no 2º Testamento). A importância de Daniel nesse tema é ímpar. Ele influenciou uma geração inteira com seu modo de ler a história e de transmitir o conteúdo dessa leitura. Já vimos que a apocalíptica representa uma releitura da profecia e da sabedoria, pois surge quando a profecia parece extinta. No entanto, a profecia continua bem viva nas visões e revelações, expressas em alegorias, símbolos e narrativas que interpretam criativamente a história, ajudando o povo a enfrentar os momentos de crise e tribulação, ou seja, a apocalíptica é uma outra roupagem sob a qual a profecia se apresenta, sem deixar de produzir um impacto na realidade histórica.

Assim, o livro de Daniel, com suas visões, sonhos e contos populares, cultivados na tradição do povo bíblico, aguçou o imaginário e encheu de coragem e firmeza o povo que esperava o fim do império. É uma obra que aponta para os sinais de esperança presentes na ação de Deus ao longo da história, para a restauração da vida degradada e violentada que

busca consolação diante das situações de crise. Nesses tempos difíceis para o povo, prevaleciam os interesses econômicos e a política de perseguição e dominação promovidas pelos generais selêucidas, que buscavam hegemonia e controle da região contra os generais ptolomeus.

b- O contexto histórico do livro

Entre os anos 333-63 a.C., os povos de Deus eram dominados pelo Império Grego, que o ameaçava de todos os lados. Essa dominação ocorria, frequentemente, de três formas: opressão política, exploração econômica e vigilância ideológica, que levavam o povo a encontrar na sua história e na sua religião motivos de resistência diante da opressão do Império. A situação tornou-se realmente complexa e dramática quando Antíoco III potencializou a helenização (imposição da cultura grega) na Palestina, e seu sucessor, Antíoco IV Epífanes, acabou com a regalia política dos judeus, impondo o sistema grego em todos os sentidos. Dessa forma, o povo judeu perdeu sua autonomia político-econômica, sua cultura e religião ficaram ameaçadas a ceder lugar para a cultura grega, com suas ideias, costumes e religião. Dessa situação, nasceu a reação judaica, com a revolta dos Macabeus (167-164 a.C.). A gota d'água aconteceu quando Jasão, irmão do sumo sacerdote Onias III, comprou o cargo de sumo sacerdote e implantou a religião grega no templo de Jerusalém. Antíoco IV chegou, por incrível que possa parecer, a entronizar uma estátua de Zeus no Templo de Jerusalém! No ano 167 a.C., ele fez o que está escrito em Daniel 8,11: “Até contra o Comandante do exército do céu ele quis se engrandecer, abolindo o sacrifício permanente e abalando as bases do santuário”. Foram proibidos os sacrifícios a Deus e uma estátua de Zeus foi colocada no altar. Se havia profanação, também havia a promessa de que “Depois, será feita a justiça ao santuário” (cf. Dn 8,14b), ele seria purificado. Trata-se de uma lição muito forte: a garantia de que o poder de Antíoco IV desapareceria, e Deus seria novamente adorado em seu templo. O fato é que a violência de Antíoco IV não conseguiu dobrar o povo judaico. Conseguiu, isto sim, uni-lo na causa comum, e conduzi-lo à vitória.

O merecimento desse êxito não foi só dos combatentes Macabeus. A vitória de uma causa só será completa se houver a participação do povo devidamente consciente da situação em que vive e ciente de sua dignidade e soberania.

No nosso caso, entre os fatores que mantiveram alto o ânimo do povo perseguido, merece destaque o livro de Daniel. (cf. BORTOLINI, 2018, p. 55).

Podemos dizer que os apocalipses de Daniel, no 1º Testamento, e o livro do Apocalipse, no 2º Testamento, são livros subversivos em relação ao poder imperialista. São, portanto, a literatura preferencial dos dominados, dirigida a despertar o senso crítico e estimular a resistência do povo de Deus contra os impérios.

Supõe-se que o livro de Daniel tenha aparecido justamente nesse período. Ele circulou entre os que procuravam ser fiéis às tradições de Israel e desejavam o fim da dolorosa situação, instaurada pelos generais selêucidas (ROSSI, 2018, p. 41).

c- Estrutura do livro de Daniel

Na verdade, o livro de Daniel é um livro poliglota e composto por três livretos:

O PRIMEIRO (Dn 2,4b-3,23; 3,98-7,28) é um conjunto escrito em aramaico de narrativas populares, sonhos e visões, que evocam a prática penitente como um dos caminhos para enfrentar os tribunais e as execuções de morte. No processo de martírio, o texto anima a enfrentar fornalhas e covas de leões.

O SEGUNDO, escrito em **hebraico**, (Dn 1,1-2,4; 8,1-12,13) é composto de visões que descrevem os impérios da época, sua derrocada e a vitória dos explorados que resistem.

O TERCEIRO, provavelmente escrito em **hebraico e traduzido para o grego**, (Dn 3,24-90; caps. 13 e 14), em contraposição à idolatria e à infidelidade, apresenta o canto dos jovens que vencem a fornalha; o caso de Susana e as narrativas de Bel e do dragão. São narrativas que reforçam a sabedoria de Daniel. Este último livreto apresenta-se em itálico

na edição da NOVA Bíblia Pastoral, de 2014. A Bíblia dos Evangélicos e o 1º Testamento dos judeus excluem os acréscimos em grego. Portanto, nas Bíblias Católicas o livro tem 14 capítulos e na dos Evangélicos, apenas 12. Os capítulos 13 e 14 são deuterocanônicos.

Na Bíblia hebraica (Bíblia do Judaísmo), o livro de Daniel se localiza entre os escritos sapienciais e não contém os textos em grego. Aliás, na Bíblia grega situa-se entre os livros proféticos no período do exílio na Babilônia, logo após os livros de Jeremias e Ezequiel. Outro aspecto importante está na referência a Deus: aparece pouco o nome de JAVÉ, que, na maioria das vezes, é substituído por Adonai (Senhor) e Eloim (em aramaico Elain) (cf. BORTOLINI, 2018, p. 53).

d- Características e objetivos do Livro de Daniel

Encontramos no Livro de Daniel uma defesa intransigente do Reinado de Deus, que não permite o estabelecimento de uma política imperial que comprometa a vida do povo. Assim, as metas do Livro de Daniel são claras e podem ser assim nomeadas: julgar e condenar o império e estabelecer uma alternativa político-econômica, baseada nos princípios da fraternidade e da partilha, a fim de que o povo de Deus tenha vida. É preciso sublinhar que os judeus acreditavam que a história possuía um sentido, ou seja, ela caminhava em direção a um propósito. Isso significa que, quando o anjo disse a Daniel que a visão era uma mensagem sobre o fim (Dn 7,13-19), ele não estava se referindo ao tempo em que o propósito de Deus iria se realizar. Referia-se, sim, ao tempo em que o livro foi escrito. Quem achasse que o rei Antíoco IV tinha todo poder, iria abandonar Deus, seu projeto e propósito, e adorar os deuses da Grécia. Quem, porém, tivesse fé que, apesar de tudo, Deus estava conduzindo a história a um propósito – um fim –, haveria de correr todos os riscos da fidelidade (ROSSI, 2018, p. 43).

Aproveitando material mais antigo e acrescentando o que a ocasião sugeria, um autor anônimo, como de costume, publica um escrito clandestino de protesto e de resistência – algo como os “boletins” que circulavam entre o povo nos

tempos da Ditadura Militar. Apresenta-se como relatando acontecimentos de um antigo profeta Daniel do século VI a.C., (tempo de Nabucodonosor - passado), mas os destinatários da obra estão no século II a.C. – presente, bem que entendem. As intenções da obra são transparentes. Diante de uma política que coloca os interesses do império selêucida acima do respeito pela fé e a dignidade do povo judeu, Daniel incita à fidelidade, à resistência e à esperança. Aí está **uma profunda compreensão da História à luz da Fé** (cf. GRUEN, 1978, p. 248).

- Porque Deus está com os perseguidos, eles saem das fornalhas (Dn 3,88-90) e da cova de leões (Dn 6,24-25) mais vigorosos que antes; enquanto isto, os perseguidores desaparecem, um após o outro. Ficou clássica a caricatura do tirânico reino selêucida: duro e forte como o ferro, mas com os pés frágeis como o barro (Dn 2,31-42).
- O Reinado de Deus pode ser privado de relevância na política internacional, pode até parecer fraco e vulnerável. E, no entanto, é o único reino definitivo (Dn 2,44). Esta visão da História não deixa de ser uma oportuna lição de esperança: toda a História humana, no seu conjunto, é considerada dentro do plano de Deus.
- Um detalhe que não deixa de ser valioso: é notável a harmonia que o autor conseguiu entre a experiência do grupo a quem escreve e a linguagem com que aborda esta experiência. A essa pequena comunidade abalada pela perseguição, o autor apresenta não frias informações ou belas considerações teológicas, mas um linguajar que de certo modo imita sua própria experiência – tão turbulenta, emotiva. É um cuidado do qual nós, facilitadores/as da Palavra, devemos ter. A linguagem tem um nexo muito íntimo com a mensagem e com a realidade vivida.

Do lado do povo, as forças de resistência começaram a vislumbrar possíveis soluções para o povo. Nas entrelinhas transparecem as influências desse momento, de modo especial a esperança dos grupos que resistem, refugiados no deserto (1Mc 2,29-38). Podemos perceber a proximidade entre os contos de Daniel e a resistência dos judeus fiéis, liderada pelos assideus: estes formavam o grupo dos zelosos pela Lei

que se juntaram aos Macabeus na resistência frente à profanação instaurada pelo rei Antíoco IV Epífanes. Tudo indica que a redação do Livro de Daniel foi concluída por grupos da elite de Jerusalém, que buscavam legitimar o poder conquistado. Tais grupos, nesse momento de conflitos, esperavam a intervenção de Deus em favor dos que permaneciam fiéis à Lei e à tradição judaica. Podemos concluir com muita convicção: **Daniel é, por excelência, um livro de resistência e de esperança!** Iremos aprofundar este tema da resistência mais adiante.

Destacamos alguns temas teológicos presentes no livro de Daniel (cf. ROSSI, 2018, p. 43-44):

- Ser fiel ao projeto de Deus conduz inevitavelmente à perseguição e à repressão por parte daqueles que possuem o poder político, econômico e religioso. Isso nós vemos, claramente, na vida dos profetas de todos os tempos e, sobretudo, na pessoa de Jesus e de seus discípulos e discípulas (Mt 10,16-25). Contudo, diante de uma situação marcada pela violência e pela dor, é necessário confiança na proteção de Deus.
- A riqueza simbólica do Livro de Daniel é incomparável! São símbolos que desejam puxar o leitor a viver com os pés no chão e a assumir a história de sua fé na história de sua vida concreta. Não são símbolos, absolutamente, que alienam os/as leitores/as ou fazem deles/delas reféns passivos de outro mundo. O texto não quer fugir e nem fantasiar a realidade concreta na qual se vive, mas retratar os eventos da história através de imagens surpreendentes. Podemos encontrar muitos exemplos deste recurso na poesia e nas letras musicais. Vejam um exemplo disto na música: “Apesar de você”, de Chico Buarque. “Você”, nesta música não se refere a uma pessoa, mas à Ditadura Militar.
- O Livro de Daniel demonstra e reforça a mensagem teológica de que, mesmo diante de um poder avassalador e aparentemente invencível, Deus não abandonou e jamais abandonará seu povo, e sua justiça prevalecerá sobre qualquer vontade humana. Pois, “A mãe será capaz de se esquecer do filho que gerou?...” (Is 49,14-16).

- Na história, que é guiada pelas mãos de Deus do início até o seu fim, é que encontramos o verdadeiro sentido da história. Por isso, o livro transmite conselho e apoio a todos/as aqueles/aquelas que veem sua fé manchada e sua vida ameaçada pelo poder imperial.

Ainda se poderia destacar também, do ponto de vista teológico, que em Daniel encontramos:

- A doutrina, agora mais desenvolvida, a respeito dos anjos (Dn 8,15-27; 9,20-27; 12,1-7);
- A crença mais explícita no destino da pessoa humana depois da morte (Dn 12,1-3);
- O desenvolvimento dado agora ao messianismo (Dn 7,13-14) - (Cf. GRUEN, 1978, p. 249).

3- A RESISTÊNCIA NO LIVRO DE DANIEL

Podemos falar da resistência física na natureza: peso, temperatura, pressão, força etc., mas também falamos da resistência humana: às doenças, à dor, ao sofrimento e às dominações dos poderes dominantes, da ordem política, econômica, religiosa e cultural. No Livro de Daniel e em praticamente toda a Bíblia, encontramos a resistência do povo a esta forma de dominação que quer se impor, à força, com violência, ao povo de Deus. E o povo, por sua vez, RESISTE, se opõe a ela. Daí, a constante tensão, lutas, violências e morte na história de quase todos os povos, entre as tentativas de dominação e a resistência dos dominados.

a- A resistência do povo de Deus

Já conhecemos o tempo de escravidão que os hebreus sofreram no Egito e a ação das parteiras resistindo ao poder de morte dos Faraós, um marco da resistência das mulheres na defesa do seu povo (Ex 1). Mais tarde, vimos Moisés, após ter recebido de Javé a missão de libertar seu povo das garras do Faraó (Ex 3), enfrentando as forças dele, querendo impedir

a saída do povo rumo à Terra Prometida. Em vários outros momentos de sua história o povo de Deus foi levado a resistir aos poderes da escravidão, contra o projeto de liberdade e de vida, inclusive contra a própria Monarquia judaica. Nos últimos dois séculos a.C., o Judaísmo viu-se às voltas com uma dupla agressão:

A repressão violenta, implacável, por parte do governo selêucida, pretendendo acabar com a identidade do povo judeu.

A sedução por parte do Helenismo (cultura grega), visando o mesmo resultado através de insinuações, atrativos e “cantadas” de toda espécie.

Não é fácil dizer qual das duas ameaças foi mais perigosa. Judá não se defendeu só com as armas (Macabeus). Contra ambas as formas de agressão foi decisiva a “resistência dos intelectuais”. Os métodos empregados terão sido, por vezes, de eficácia discutível. Mas a atitude assumida levantou e ajudou a enfrentar problemas extremamente válidos, cujos efeitos perduraram até quando a violência já de há muito estava esquecida. Até os dias de hoje (cf. GRUEN, 1978, p. 248).

O novo espírito, o Helenismo, estava penetrando inevitavelmente por toda parte, com sua escala de valores e moralidade próprios. A comunidade judaica sofre as consequências desse momento cultural. Helenismo passa a ser sinônimo de humanismo, conforto, cultura, modernidade. Resistir-lhe é prova de obscurantismo. A situação não tarda a tomar forma de uma alternativa: helenizar-se, ou isolar-se do mundo moderno? Para muitos, porém, helenizar-se significa capitular perante o paganismo e o racionalismo; trocar a Lei de Javé pela sabedoria dos gentios. Os judeus, observantes da Lei, são agora considerados retrógrados, mas não se dobram. Resistem! Fazem questão de não participar dos “bens” e “benefícios” que o Helenismo lhes oferece. Outros, pelo contrário, saúdam o Helenismo – cultura imperialista - com entusiasmo (cf. 1Mc1,12): fazem questão de revestir sua fé com roupagens helenísticas, quando não descambam para o Helenismo puro e simples. Estamos diante de uma profunda crise, que opõe fé e inculturação (encarnação na cultura local); uma crise que divide os ânimos entre fixismo, conservadorismo, assimilação

e desintegração. O Judaísmo era política e socialmente mais fraco e estava desunido internamente. Mas contava com um trunfo que nunca lhe tinha falhado: a fé no seu Deus. O confronto entre as duas culturas, as duas cosmovisões (visões de mundo) era inevitável e veio. O resultado é que foi inesperado: não houve derrotados. O Helenismo ampliou sua expansão, mas o Judaísmo mais uma vez resistiu, ao menos o suficiente para manter a sua identidade. E toda a humanidade saiu ganhando. Mais uma vez na História pôde se dizer: “nunca tantos deveram tanto a tão poucos”!

Esta foi a trajetória e o desfecho da batalha cultural, ideológica, entre o Helenismo e o Judaísmo. Devemos recordar o que vimos no capítulo anterior: havia ainda, e ao lado desta batalha cultural, a guerra de dominação político-econômica do poder imperial grego, que subjugava os judeus à opressão e à dominação política. No entanto, a violência do rei Antíoco IV não conseguiu dobrar o povo judaico. Conseguiu, isto sim, uni-lo na causa comum, e conduzi-lo à vitória.

A vitória de uma causa só será completa se houver a participação do povo devidamente consciente. No nosso caso, entre os fatores que mantiveram alto o ânimo do povo, merece destaque o livro de Daniel. Convém salientar, mais uma vez: é dentro desse contexto que surge o livro de Daniel.

Vale a pena destacar também a resistência das mulheres. Dn 13,1-49 narra o episódio de Susana que foi vítima de uma armadilha diabólica, tramada por parte de dois juízes sem escrúpulos. Ela resistiu com firmeza e sabedoria. Condenada à morte, foi salva pela intervenção do jovem Daniel, que desmascarou as tramas dos dois juízes perversos, condenando-os. Tudo indica que a redação do Livro de Daniel foi concluída por grupos da elite de Jerusalém que buscavam legitimar o poder conquistado. Tais grupos, nesse momento de conflitos, esperavam a intervenção de Deus em favor dos que permaneciam fiéis à Lei e à tradição judaica. Podemos concluir com muita convicção: Daniel é, por excelência, um Livro de resistência e de esperança!

Antes de prosseguir, vale a pena ouvir a maravilhosa canção de Milton Nascimento, “Maria, Maria”, melhor ainda no vídeo clip com a participação das mulheres.

b- A conquista das Américas – uma história marcada pela violência e pela resistência

Esta é uma longa história de muita luta e muito sangue derramado! Sabemos que a disputa por poder e riquezas marcou a conquista das Américas pelos Espanhóis e Portugueses. Por onde passaram deixaram um rastro de destruição das vidas dos indígenas, da sua cultura e da sua exuberante natureza. As conquistas quase sempre se deram pelo poder das armas e da capitulação, terminando na escravidão dos próprios senhores da terra. Como se isto não bastasse, séculos depois aportam aqui os famigerados “navios negreiros”. Tudo aconteceu, salvo raras exceções (destaque para Bartolomeu de Las Casas, o defensor dos indígenas), com o aval do poder religioso, da aliança entre a cruz e a espada, entre a coroa imperial e o cetro episcopal. Com o apoio explícito do Império britânico, a Guerra do Paraguai, promovendo o genocídio de um povo, é mais uma chaga dolorosa na história latino-americana. Vários movimentos de resistência se levantaram do norte ao sul, do leste ao oeste. Muita luta, muito sangue derramado, muita resistência... pequenas vitórias! Apenas para aquecer nossas memórias e dos que lutaram. Lembramos as centenas de lutas e resistências dos Indígenas (Sepé Tiaraju Guarani, Povos das Missões), Negros (Zumbi dos Palmares, Ganga Zumba e Dandara, Cabanadas), sertanejos (Antônio Conselheiro – Canudos), Contestado, no sul do Brasil, com o monge Antônio Maria, Ligas Camponesas, Trabalhadores (centenas de lutas, as Greves do ABC), Militares (Revolta da Chibata), Mulheres da Praça de Maio (Argentina). Além disso, devemos destacar os Movimentos de luta e resistência contra a Ditadura Militar brasileira, entre 1964-1985. Movimento Brasil Nunca Mais, Movimento pela Anistia, a atuação da União Nacional dos Estudantes (UNE), Sindicatos dos/das Trabalhadores/as. Destacamos alguns mártires desta página sangrenta de nossa história: Frei Tito Alencar, Wladimir Herzog, José Carlos N. da Mata Machado, Santo Dias... Às centenas de homens e mulheres que derramaram seu sangue na luta pela liberdade e pela justiça, nossa gratidão eterna, honras e glórias!

NOTA: Para quem desejar conhecer um pouco mais destas histórias, segue-se uma breve indicação de livros:

- “**A Guerra do Paraguai**” – genocídio americano – Júlio José Chiavenatto
- “**As veias abertas da América Latina**” – Eduardo Galeano
- “**Batismo de Sangue**” – Frei Betto
- “**Brasil: nunca mais**” – Dom Paulo Evaristo Arns e Comissão

c- De olho no tempo chamado HOJE

O livro do Eclesiastes (Ecl 3,1-8) nos diz que “Para tudo há um momento e um tempo certo para cada coisa de baixo do céu: Tempo para nascer e tempo para morrer (...) Tempo de guerra e tempo de paz...”. Não devemos acolher isto como um determinismo inevitável da natureza, menos ainda de Deus, ou uma imposição do acaso, da sorte, ou do destino da vida. Isto aponta para a nossa condição de seres históricos. Ora somos sujeitos, ou atores dela, ora somos objetos ou marionetes, daqueles que nos dominam. Assim, podemos afirmar com segurança: **carregamos as marcas do nosso tempo...!** Isto não podemos ignorar. E, para nós, pessoas de Fé, como nos adverte Jesus, devemos saber “... interpretar o tempo presente.” (Lc 12,54-56). **Qual o sinal de Deus no meio de tudo que vivemos hoje? Ou o que Deus está pedindo de nós nestes tempos? Onde estão a profecia, a resistência e a esperança e como cultivá-las?**

Alguns vivem preocupados com seu próprio poder, seus interesses pessoais, riqueza e doutrina, se rendem à ideologia dominante da Sociedade e se deixam envolver e se conduzir pela mentalidade, pelo “vale tudo” dominante. Outros, na contramão, se sentem desafiados por essa agressão à dignidade humana, à vida. Geralmente, são minorias que assumem sua fraqueza e impotência frente ao poder que os quer esmagar. Sua fé na vida, no Deus da vida, ajuda-os a elaborar uma mística, uma espiritualidade que afunda suas raízes nos movimentos de resistência do passado, bebendo de sua seiva e gerando uma espiritualidade nova, capaz de resistir aos dra-

gões de hoje.

Recomendação: Assistir ao vídeo/filme – “Demarcação, Já!” – Uma composição do letrista Carlos Rennó com o compositor-cantor Chico César (2017), cantada por mais de 25 artistas de renome no mundo artístico e centenas de indígenas em suas aldeias. Um apelo, um clamor, por direito e justiça, mais atual que nunca! Grande exemplo de resistência!

4- A ESPERANÇA NO LIVRO DE DANIEL

a- O Ser Humano e a Esperança

A Esperança é um desafio que acompanha o ser humano em toda a sua trajetória histórica. Afirmar que o Ser Humano é um ser de Esperança, implica dizer que ele, mergulhado nas contradições da sua história, nos limites e nos desafios existenciais, sonha com algo mais, novo e melhor. O Ser Humano não se dá por realizado e satisfeito com sua condição do presente, ele vislumbra, ele sonha um futuro melhor, sobretudo para aquelas situações que negam a sua liberdade, sua dignidade e sua vida, ele sonha e espera transformar para melhor a realidade cotidiana. Esta é a sua Esperança! Uma Esperança que brota da sua realidade concreta e, por um lado, abre para ele um novo horizonte, um novo futuro. Por outro, isso lhe dá forças e disposição para resistir aos embates da luta cotidiana. Portanto, a Esperança que brota das lutas, das pelejas árduas da vida cotidiana, alimenta e fortalece a Resistência na caminhada, na construção dos novos sonhos. Dessa maneira, desfaz-se aquela distorção de que a Esperança seja um sonho vazio, uma quimera, uma utopia (tomada no sentido equivocado de ilusão). Assim afirmamos, seguramente, que o Ser Humano é ser de Natureza, histórico e imanente, mas também o reconhecemos como ser transcendente, utópico (busca realizar o que ainda não está realizado, mas pode ser realizado). Entendamos a Utopia como algo que está à frente, que incita a caminhar e, assim, somos/seremos caminhantes, construindo caminhos. Convém ressaltar ainda que a Esperança não é uma dimensão apenas religiosa ou de Fé da vida humana; ela é uma componente constituinte do Ser Humano,

ou seja, é uma dimensão antropológica.

A arte, a poesia e a música são canais legítimos da manifestação da Esperança. Por isso, parece-nos oportuno ouvirmos a música “Vento futuro” (outro nome da Esperança), de Oswaldo Montenegro.

b- A Esperança no Livro de Daniel

Em vários momentos da sua história, os povos de Deus se encontraram diante de um impasse: de um lado, estavam a força e o poder dominador dos impérios, e de outro, a sua fragilidade e impotência. Embora a ordem moral e a força da Fé indicavam o caminho da resistência, ainda restava o desafio de crer na soberania de Deus, confiar no Senhor da história. Muitas vezes até se indagava: “Deus nos abandonou?” Outras vezes, eram tentados a viver como se os poderes deste mundo fossem eternos, mas a Fé e a memória histórica diziam que eles sempre passaram, caíram, e continuariam a passar. Somente o Reinado de Deus é eterno. Mais uma vez, vale a pena recordar: os tiranos possuem os pés de barro e somente o Reinado de Deus é definitivo (Dn 2,31-45). Esta era a certeza e a Esperança que alimentavam a luta e a resistência. A Esperança é a energia e a estrela-guia da Resistência às contradições da História e das lutas cotidianas. Outra lição da História que alimenta a Esperança é a de que, se poucas vezes os grupos minoritários e oprimidos conseguiram derrotar os opressores, ela nos mostra que muitas vezes o opressor é destruído pelo próprio opressor, nenhum império, poder dominador, é definitivo. Por isso, as forças de resistência começaram a vislumbrar possíveis saídas para o povo. Nas entrelinhas transparecem as influências desse momento, de modo especial a esperança dos grupos que resistem, refugiados no deserto (1Mc 2,29-38).

Já vimos que a mensagem de “boa-nova” dos apocalípticos (portanto, de Daniel também!) pode ser resumida da seguinte forma: Deus é o Senhor da história! A história não saiu dos trilhos, pois Deus a conduz. Os opressores se iludem, pensando ser os donos dos povos e do universo. Mas, eles vão ser derrotados. Deus é o autor e Senhor (pai/mãe amoroso/a)

da história e realiza seu plano pela resistência e perseverança dos que Lhe são fiéis. Como consequência da primeira grande certeza, pode-se afirmar que Daniel traz **uma mensagem de Resistência e de Esperança, não de medo, nem de derrota!** A boa-notícia, expressada em linguagem apocalíptica, tem sua própria forma, sua linguagem e suas próprias regras. Em tempos de crise não é fácil alimentar a esperança e vislumbrar um horizonte novo e belo. Porém, a revelação da verdade e a memória dos episódios de tirania podem ser luzes para que não caiamos na armadilha do derrotismo (dos “vencidos”), nem no triunfalismo ilusório (dos “vencedores”). Aliás, é nosso dever conservar a memória de tantas pessoas que tombaram, se sacrificaram por acreditar e lutar pela construção de um mundo, justo e solidário. Sendo a apocalíptica o desocultamento (desvelamento – tirar o véu!) da realidade de opressão e a revelação da presença libertadora de Deus na história, olhar e analisar o passado, a partir desse ponto de vista, pode nos ajudar a traçar caminhos para um futuro de democracia plena, de justiça, de liberdade e de respeito às diferenças.

No Livro de Daniel podemos destacar várias experiências de Resistência e Esperança, aqui iremos nos ater a três delas.

A **primeira em Dn 3**: narra-se a construção de uma estátua de ouro por parte de Nabucodonosor (nem poderia ser ele, ele foi rei dos babilônios entre 560-561 a.C., era o rei Antíoco IV), e todos são obrigados a prostrar-se e adorar a estátua. Os três companheiros de Daniel foram denunciados por não acatarem o decreto do rei. Ele os ameaçou: “Se vocês não adorarem a estátua, serão imediatamente atirados na fornalha acesa e ficarão sabendo que nenhum deus poderá livrá-los das minhas mãos” (Dn 3,15c). Eles não cumpriram a ordem do rei e por isso foram amarrados e atirados na fornalha, mas eles não foram queimados pelas chamas. Depois que o rei ordenou que os tirassem de lá, eles louvaram ao Senhor, dizendo: “Deus nos tirou da mansão dos mortos e nos salvou do poder da morte, livrou-nos da chama da fornalha ardente e retirou-nos do meio do fogo, pois Ele é bom e sua misericórdia é para sempre” (Dn 3,89-90). A esperança na proteção divina constituía força para a resistência aos desafios da vida

presente. Deus não abandona os seus fiéis, e eles, por sua vez, não temem os seus adversários. A última palavra é do Reinado de Deus.

A **segunda experiência em Dn 6**: onde é narrado o episódio de Daniel na cova dos leões. Daniel fora nomeado governador de Província pelo rei Dario. Como ele era o mais inteligente dos governadores, isso despertou a inveja e os ciúmes dos demais. Armaram-lhe uma cilada e pediram ao rei que decretasse a morte de Daniel, atirando-o na cova dos leões. Mas, no dia seguinte, o próprio rei vai à cova dos leões e encontra Daniel vivo, sem nenhum ferimento. O rei ordena a libertação de Daniel e a condenação daqueles que haviam tramado contra a vida de Daniel. Mais uma vez Deus, o Senhor da vida, atua em favor daqueles que resistem às trapaças do poder dominação, permanecendo fiel ao seu Deus. O próprio rei promulga um decreto em favor do Deus de Daniel: “... o Deus de Daniel é o Deus vivo que permanece para sempre. O seu reino nunca será destruído e o seu domínio não conhecerá fim. Ele salva e liberta, realiza sinais e prodígios no céu e na terra. Ele salvou Daniel das garras dos leões.” (Dn 6,26-28). Novamente é a Esperança e a confiança nesse Deus que não deixa o fiel temer as tramas do poder injusto, sabe que a vitória será do projeto de Deus.

A **terceira experiência em Dn 13** (acréscimo em grego): onde é narrado o episódio de Susana (= lírio). Ela foi vítima de uma armadilha diabólica, tramada por parte de dois juízes injustos, sem escrúpulos. Condenada à morte, ela foi salva pela intervenção do jovem Daniel (= Deus salva), que desmascarou as tramas dos dois juízes perversos, condenando-os. No relato, vale destacar a atitude de firmeza e sabedoria de Susana, quando diante da ameaça dos inimigos ela diz: “A coisa está complicada para mim de todos os lados: se eu fizer isso, estou condenada à morte; se não fizer, sei que não conseguirei escapar das mãos de vocês. Mas prefiro dizer ‘não!’ e cair nas mãos de vocês. É melhor do que cometer um pecado contra Deus”. (Dn 13,22-23). E diante da Assembleia que acreditara nas falsas testemunhas, condenando-a à morte, ela gritou em alta voz: “Deus eterno, que conheces o que está escondido e tudo vês antes que aconteça! Tu sabes muito bem

que eles deram falso testemunho contra mim. Vou morrer, mas sem ter feito nada disso de que me acusam”. (Dn 13,41-43). “No grito de Suzana ecoa a voz de inúmeras mulheres violentadas por regras religiosas estabelecidas pelos homens. Ao grito de desespero da inocente, mistura-se o alarido dos dois velhos, o barulho faz acorrer todo mundo. Ninguém, nem os servos, nem os parentes, nem mesmo o marido tem coragem de contestar a palavra dos juízes. A ‘casa’, mesmo sabendo que Susana não era mulher para tal, não sabe defendê-la.” (GALAZZI, 2008, 182). O Senhor escutou a voz dela e, por meio do “(...) santo espírito de um adolescente de nome Daniel” (Dn 13,45b), veio em socorro dela e proferiu aos falsários a seguinte sentença: “Raça de Canaã, e não de Judá. A beleza da mulher fez você perder o rumo, a paixão embaralhou o seu coração. Isso vocês faziam com as mulheres de Israel, e elas, com medo, se entregavam a vocês; mas esta filha de Judá resistiu à imoralidade de vocês.” (Dn 13,56b-57). Daniel – que nunca fez tão jus a seu nome como agora – também grita em alta voz (cf. Dn 13,46). Só que este é o grito do profeta que se ergue para denunciar, com coragem, todos os abusos cometidos contra o povo. Ele julga! Depois do julgamento de Daniel provar a culpa dos velhos e injustos juízes, escutaremos mais um grito. Será o grito de bênção do povo porque “... Deus salva todos os que nele esperam!” (Dn 13, 60b) (Cf. GALAZZI, 2008, 182).

CONVITE SÉRIO! É muito oportuno aqui recordar e refletir sobre a situação de milhares de mulheres no Brasil, vítimas de toda sorte de violência, desde o preconceito, difamações, assédios morais e sexuais (seguidos do silêncio forçado) até o doloroso, cada vez mais frequente, FEMINICÍDIO. Em contrapartida, encontramos muitas delas, que com muita coragem e firmeza, denunciam as violências, clamam por justiça e defendem seus direitos. Diante disso, cabe um apelo aos homens: numa sociedade machista, não basta não ser machista, é preciso combater o machismo, sendo antimachista. Antes de prosseguir, recomendamos ouvir a música de **Beto Guedes - “Maria solidária”**.

Nos três episódios destacados, temos uma clara de-

monstração de como a confiança no Reinado de Deus, em favor da vida, da dignidade e da liberdade, sustenta a resistência contra os poderes do mal e da morte e assegura a Esperança na vitória do fiel/justo. No entanto, convém ressaltar um grave risco e distorção que podem ocorrer. Não se pode contar com uma ação mágica de Deus nas situações humanas e históricas. Ele atua na vida pelas pessoas e pelas mediações humanas. Não podemos nos esquecer que Daniel pertence à literatura apocalíptica, é por meio dela que as experiências de Fé e as consequentes ações humanas são narradas. Outra advertência: está muito em voga hoje, a partir de textos bíblicos como estes, a construção de uma distorcida “teologia do livramento”; já fizemos menção a isto no final do primeiro capítulo. Convém tomar uma prudente cautela em relação a isto para não se transformar a Fé cristã em magia e reduzi-la a autoajuda, ao invés de considerá-la um impulso e uma luz para o compromisso com a história concreta. É nas relações humanas, sociais e ecológicas que o divino age no humano como sal na terra e na comida, luz nas trevas, se doando, entrelaçando, incomodando e, por isso, salgando o que está insosso e iluminando o que precisa ser iluminando e escuraçando as trevas da opressão, da exploração, dos fundamentalismos, de preconceitos, de discriminações ...

c- NA RETA FINAL, não para concluir, mas para continuar – Sinais de Esperança no tempo chamado HOJE

No capítulo anterior destacamos as marcas de trevas, de noite escura e de travessia do deserto do tempo que nos é dado a viver, e nele RESISTIR, com vigor e firmeza. Também lembramos que este tempo é TEMPO DE GRAÇA! TEMPO DE SALVAÇÃO! Neste tempo de tanta turbulência, o compromisso com a Vida tem sido negligenciado, e a morte adquiriu status de “senhora do destino”, ceifando milhares de vidas humanas, em uma máquina de moer vidas que se tornou o capitalismo e os impérios atuais. Seja da população palestina ou africana, seja das vítimas do feminicídio ou da população negra marginalizada em vários cantos do Brasil. Em contrapartida, assistimos a centenas e centenas de atitudes e ações

humanas (individual e coletivamente) em favor da saúde, do combate à fome e da Vida, por meio das mais diversas formas de aquisição de alimentos, campanha de doação de cestas básicas, das cozinhas comunitárias, da assistência à população de rua etc.; luta por terra e território, pela demarcação dos territórios dos povos indígenas e tradicionais...

É verdade que todos nossos esforços e nossas modestas ações não são, nem de longe, suficientes para impedir tanta morte, tanta dor, e até são insignificantes para amenizar a fome e outras carências do povão sofrido. Contudo, elas revelam a qualidade da nossa sensibilidade humana e o desdobramento da nossa Fé cristã em favor dos que se encontram à margem da Sociedade capitalista, sob idolatria do mercado. Do ponto de vista histórico-social, estas atitudes e ações nos revelam de que lado estamos na História. No capítulo 12,2-3.10-13, Daniel (releia-o) nos apresenta, em estilo apocalíptico, o “juízo final” da História, no qual “Muitos que dormem no pó despertarão: uns para a vida eterna, outros para a vergonha e infâmia eternas. Os homens (e mulheres, é óbvio!) justos e éticos brilharão como brilha o firmamento, e os que ensinam a muitos a justiça brilharão para sempre como estrelas. (...) Muitos ainda serão separados, limpos e acrisolados, enquanto os ímpios continuarão praticando a injustiça. Os ímpios não entenderão essas coisas, mas os sábios as compreenderão”. Neste mesmo sentido e estilo nos fala Jesus em Mateus 25,31-46, vale a pena reler.

Antes de nos preocuparmos e pautarmos nossas condutas pensando num suposto “julgamento divino” ao final de nossas vidas, a questão se volta para o “aqui e agora” de nosso tempo: de que lado estamos na História? Uma vez que ela está marcada pela presença dos opressores e oprimidos, dos fartos, abastados e dos que passam fome e toda sorte de carência, dos que detêm poder e privilégios e dos que não possuem nem o mínimo dos direitos básicos, só lhe restando a injustiça... Não há meio termo, nem vida em cima do muro. De que lado estamos? Em “tempos de trevas” (tempos apocalípticos), parece oportuno formar um coro e bradar a uma só voz: Nossa alegria e consolo é saber que não estamos do lado dos “vencedores”! E a nossa Esperança é que construa-

mos, já ensaiando-a hoje em nossas modestas atitudes e ações, uma Sociedade sem vencedores e perdedores, sem opressores e oprimidos, sem ricos e pobres, uma sociedade transfigurada com justiça, verdade e paz para todos/as, que seja o Reinado da Fraternidade, da Solidariedade e da Justiça. Este sonho e utopia asseguram a nossa firmeza na Resistência e a força para a luta cotidiana!

Daniel nos diz que “Os homens (e mulheres!) esclarecidos entre o povo farão muitos compreenderem, mas acabarão mortos pela espada, em fogueiras, castigados com a prisão e o confisco dos bens, por longos dias” (Dn 11,33). Jesus também disse algo muito parecido aos seus discípulos (cf. Mt 10,16-18). Isso nos remete aos milhares de profetas e mártires (homens e mulheres) na história de todos os povos, inclusive no meio laico e até com roupagem antirreligiosa. A título de exemplo, destacamos aqui apenas alguns deles: Savanarola, Gandhi, Luther King, John Lennon, Chico Mendes, Vladimir Herzog, Irmã Dorothy, Padres Josimo Tavares e Ezequiel Ramin, Dom Oscar Romero, Margarida Alves, Marielle Franco, Dom Pedro Casaldáliga, ... Todos/as eles/elas foram uma chama de Resistência e Esperança e seus nomes não se apagarão jamais, pois estão inscritos no “Livro da vida” (Ap 20,11-15).

Como já acenamos anteriormente, o grito da profecia, o convite à Resistência e os sinais de Esperança brotam de maneira surpreendente, com um clamor terno, lúcido e cristalino. É por isso que repetimos sempre: A Vida triunfará! A morte, a brutalidade, a violência... não terão a última palavra. É com este sentimento, é com esta certeza, é com esta ESPERANÇA que, para concluirmos este modesto estudo e reflexão sobre nossas vidas, deixamos o convite para assistirmos ao maravilhoso depoimento de Mônica Iozzi - “Sigamos esperançosos, lutando com amor”.

Destaco, com carinho e gratidão, a contribuição efetiva do irmão-parceiro, Osmar Ribeiro, membro do Cebi-Uberlândia, pela revisão linguística do texto e outras significativas colaborações. Nossos trabalhos são construídos a muitas mãos, nutridos por muitos corações e iluminados por muitas ideias. É o mutirão da Vida! A Vida em mutirão!

Desejamos que a leitura de Daniel nos fortaleça na RESISTÊNCIA aos imperialismos de morte, e aumente a nossa confiança na soberania amorosa e fiel do Deus da liberdade e da Vida! Eis a ESPERANÇA/ESPERANÇAR, que nos fortalece para a luta contra os poderes imperialistas dos tempos modernos.

O livro de Daniel

e sua relação com as apocalípticas judaica e cristã

por Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Doutor em Teologia Bíblica pela FAJE (BH). Mestre em Ciências Bíblicas (Exegese) pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Professor de Exegese Bíblica. Presidente da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB). Sacerdote Franciscano. Autor de treze livros e coautor de quinze. Publicou recentemente Bíblia Apócrifa: Segundo Testamento (Vozes, 2025). São 784 páginas com a tradução de 67 apócrifos do Novo Testamento sobre a infância de Jesus, Maria, José, Pilatos, apocalipses, cartas, atos etc. Canal no Youtube: Frei Jacir Bíblia e Apócrifos.

<https://www.youtube.com/channel/UCwbSE97jnR6jQwHRigX1KlQ>

Q

Introdução

O livro de Daniel, ainda que contenha textos mais antigos, teve sua redação final entre os anos de 174 e 164 a.E.C, época da perseguição de Antíoco IV Epífanes e insurreição dos Macabeus. Na lista dos livros inspirados dos judeus, Daniel não é contado entre os profetas.

Otimista, sábio e intérprete de sonhos, Daniel pertencia a uma família importante de Judá. Segundo o autor de Daniel, ele foi deportado para a Babilônia e aí, com o nome fictício de Baltasar, tornou-se membro da Corte. Daniel denunciou as infidelidades do povo (9,7), a não observância da Lei (9,11) e a cruel e sangrenta perseguição de Antíoco IV Epífanes (11,21-40).

Compreender Daniel na perspectiva da apocalíptica judaica é um desafio para a interpretação bíblica, visto que há discordância entre os estudiosos sobre a datação do livro, séculos sexto ou segundo antes da era comum.

Daniel e apocalíptica judaica

O livro de Daniel faz parte do gênero literário apocalíptico, que surgiu em Israel no séc. II a.E.C. e fins do séc. I E.C. A apocalíptica nasce quando já não há mais profetas. Com seu estilo próprio de anunciar a intervenção de Deus na história, ela resgata a esperança profética, a confiança em Deus, o interesse pela história e o destino dos impérios. O estilo apocalíptico é sapiencial, narrativo, fictício, fantasioso e visionário.

Contrário ao que pensava outros, para Daniel a luta armada dos Macabeus não era a solução (11,34) para Israel. Deus interviria e acabaria com o opressor (11,40-12,3). Ele acreditava que o Reino de Deus era eterno (4,32). Os reinos humanos dariam lugar ao reinado de Deus e do seu povo eleito, conforme a apocalíptica judaica.

O autor de Daniel era um otimista. O que ele pregou, de fato, não aconteceu. A luta armada dos Macabeus foi vitoriosa e o reino humano não deu lugar ao de Deus. Por outro lado, o exemplo da personagem Daniel, que se manteve fiel a

Deus e às suas leis diante das atrocidades do perseguidor, foi motivo de fé e esperança para os judeus do séc. II, que esperavam por um tempo de paz e liberdade¹⁵.

Quem era Daniel no apócrifo Vida dos Profetas?

O livro de Daniel tem como figura central uma personalidade religiosa do passado. Quem seria ele? Vida dos Profetas, um dos sessenta apócrifos do Primeiro Testamento, foi escrito em hebraico por um judeu do primeiro século do Era Comum. Ele foi traduzido, ao longo dos séculos, para o grego, latim, siríaco e árabe.

Com acentuada influência cristã, o livro narra histórias de profetas conservadas pela religiosidade popular judaica, as quais complementam os textos bíblicos. De Isaías, por exemplo, é dito que ele morreu serrado ao meio. Já sobre Daniel, que ele era franzino e que teria jejuado em favor do rei Nabucodonosor, da Babilônia.

Assim descreve autor de Vida dos Profetas 4,1-22¹⁶: “Daniel era da tribo de Judá, duma família ligada ao serviço do rei. Ainda criança, foi levado da terra de Judá para o país dos caldeus. Havia nascido em Bet Horon Superior. Era um homem justo, a ponto de os judeus pensarem que ele fosse eunuco. Daniel lamentou e fez grande luto pela cidade, jejuou e se absteve de qualquer alimento saboroso. Era um homem de aparência frágil, mas bonito pela graça do Altíssimo. Rezou muito por Nabucodonosor, a pedido de seu filho Baltasar, quando esse se tornou um animal selvagem dos campos, ainda que não percesse. Sua parte traseira e os seus pés eram de um leão. A respeito desse mistério, foi revelado ao santo homem que (Nabucodonosor) havia se tornado um animal selvagem por causa de sua busca dos prazeres e de sua obstinação, e porque os que pertencem a Beliar se tornam como boi debaixo do jugo. Os tiranos têm esses vícios na sua juventude, e no

15 FARIA, Jacir de Freitas, *Profetas e profetisas na Bíblia*. História e teologia profética na denúncia, solução, esperança, perdão e nova aliança. Teologias bíblica, 5. São Paulo: Paulinas, 2006, p.78.

16 FARIA, Jacir de Freitas, *Profetas e profetisas na Bíblia*. História e teologia profética na denúncia, solução, esperança, perdão e nova aliança. Teologias bíblica, 5. São Paulo: Paulinas, 2006, p.76.

final tornam-se monstros, sequestrando, destruindo, matando e batendo. Por revelação divina, o santo soube que o rei estava comendo capim, como um boi. Assim (o capim) tornou-se alimento para a natureza humana. Foi por esse motivo que Nabucodonosor recuperou um coração humano depois da digestão: costumava chorar e honrar o Senhor, orando 40 vezes de dia e de noite. Beemot investiu contra ele; queria fazê-lo esquecer que havia sido um homem. Sua língua lhe foi tirada, para que não pudesse falar. Quando percebeu isso, começou logo a chorar, seus olhos se tornaram carne viva de tanto chorar. Muitos saíram da cidade para olhá-lo. Somente Daniel não quis vê-lo, porque estava em oração por ele, todo o tempo de sua metamorfose. Continuava afirmando: ‘Ele vai se tornar homem novamente’, mas não acreditavam nele. Daniel fez com que os sete anos - que ele chamava de ‘sete tempos’ - se tornassem sete meses. O mistério dos sete tempos se cumpriu no rei, pois ele foi restabelecido em sete meses. Durante os seis anos e seis meses (restantes), ele se prostrou perante o Senhor, confessando sua impiedade; depois do perdão de sua iniquidade, Deus lhe devolveu seu Reino. Durante o tempo de sua confissão, ele não comeu pão nem bebeu vinho; pois Daniel lhe havia ordenado reconciliar-se com o Senhor por um jejum, comendo somente verdura e legumes. Nabucodonosor chamava-o de Baltasar, porque queria fazer dele seu herdeiro, juntamente com seus filhos. Mas o santo homem disse: ‘Longe de mim abandonar a herança de meus pais, para me envolver na herança dos incircuncisos’. Para muitos outros reis dos persas, realizou muitos prodígios, que não estão (aqui) relatados. Então, Daniel morreu e foi enterrado com grandes honras no túmulo dos reis. Havia dado um sinal a respeito das montanhas que rodeiam a Babilônia: ‘Quando a montanha do Norte fumer, o fim da Babilônia estará chegando; quando incendiar-se, será fim da terra inteira. Se a montanha do Sul derramar água, o povo (de Israel) voltará para sua terra; se derramar sangue, a matança de Beliar assolará a terra inteira.’ E o santo homem adormeceu em paz.”

Apocalíptica judaica

Os apócrifos do Primeiro Testamento tratam de questões judaicas como a predestinação, o destino dos pagãos, a salvação, o juízo de Deus em relação ao ser humano etc. Alguns deles recebem influências, releituras cristãs de temáticas judaicas.

Os apocalipses judaicos narram visões, revelações de viagens de personagens aos céus ou aos infernos, onde se encontram com anjos, com Deus, com as almas de mortos e até o anticristo. O objetivo dessas revelações, visões é mostrar que a justiça de Deus vai salvar a história humana que está em crise. A partir de um fim catastrófico do mundo, determinado por Deus, um novo tempo de salvação paradisíaca há de chegar para os israelitas justos sobreviventes e pela ressurreição para os demais. Deus inaugurará uma história única, a terrestre e a celeste, sem as estruturas sociais e políticas¹⁷.

Vários são os apócrifos apocalípticos judaicos. São eles: Apocalipse de Abraão; Apocalipse de Adão; Apocalipse siríaco de Baruc (II Baruc); Apocalipse grego de Baruc (III Baruc); Apocalipse siríaco de Daniel; Apocalipse de Elias (I Elias); Apocalipse de Elias (II Elias ou Livro de Elias); Apocalipse de Esdras; Apocalipse de Sadrach; Visão de Esdras; Apocalipse de Sofonias; Apocalipse de Ezequiel; I Enoque (Livro de Enoque - Enoque – Segredos de Enoque); II Enoque (Livro eslavo); III Enoque (Apocalipse hebraico de Enoque; Oráculos Sibilinos (Pseudo-Sibilinos); Livro IV de Esdras; Apocalipse de Moisés (Vida de Adão e Eva – versão grega); Apocalipse de Esdras (II Esdras para evangélicos e IV Esdras para católicos).

Aspectos da apocalíptica judaica no livro de Daniel

Como vimos acima, o livro de Daniel surge num período de crise de fé judaica, liderada pelos Macabeus, os quais resistiam ao domínio helenista. O livro convoca seus leitores e ouvintes a resistirem e acreditarem na soberania de Deus

17 FARIA, Jacir de Freitas, *Bíblia Apócrifa*: Segundo Testamento, Petrópolis: Vozes, 2025, p. 31.

sobre os impérios opressores.

No livro de Daniel, simbologias surgem em linguagem apocalíptica, a saber:

- **a) Besta.** Como na literatura apocalíptica, surge a figura da Besta. Daniel 7,1-8 relata a visão de Daniel referente a quatro bestas (animais) saindo do mar – leão, urso, leopardo, animal feroz –, as quais, respectivamente, representavam os reinos da Babilônia, Medo, Persa e Grécia. Sendo a última besta a mais feroz e destrutiva, com seus enormes dentes de ferro e dez chifres, dentre os quais estava um pequeno chifre, o qual representava o opressor Antíoco IV Epífanes (175-163 a.E.C.).
- **b) Filho do homem.** Dn 7,13-14 fala da figura messiânica do Filho do Homem, em hebraico ben ‘adam, isto, ser humano. Trata-se de um ser que ultrapassa a condição humana e assume a condição de libertador escatológico, apocalíptico. A literatura apócrifa judaica, nos livros de Henoc e IV Esdras, buscam inspiração nessa visão apocalíptica de Daniel. O livro de Henoc (capítulos 7 a 71) apresenta o Filho Homem como Messias escatológico, divino e pré-existente antes da criação. Já o livro de IV Esdras 13 apresenta o Filho Homem como ser transcendente que julga, a partir das nuvens. Da sua boca saem fogo, vento e tempestade. Jesus bem conhecia esse imaginário e, portanto, atribuiu a si a expressão Filho do Homem.
- **c) Tempo.** O livro de Daniel, assim como o Apocalipse (11,2-3; 12,14), fala de tempo, tempos e metade de um tempo (Dn 7,25) para indicar o tempo limitado do sofrimento, da perseguição de Antíoco IV Epífanes, isto é, 1260 dias. Deus permite esse tempo, mas tudo será diferente nos novos tempos de Deus. Daniel também fala de 2,300 tardes e manhãs (8,14); 1290 e 1335 dias (12,11-12); 70 semanas (9). Cada um desses tempos tem ligação com um evento, a saber, respectivamente: governo de Antíoco, início do juízo final, fim dos tempos e da profecia e tempo do Messias.
- **d) Fim dos tempos e a ressurreição.** Em Dn 12, 1-4 diz que no fim dos tempos, todos que estão escritos no livro da Vida, também citado em Apocalipse 22,19, vi-

verão eternamente: “E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno. Os que são esclarecidos resplandecerão, como o resplendor do firmamento; e os que ensinam a muitos a justiça hão de ser como as estrelas, por toda a eternidade”. Daniel é chamado a guardar esse segredo até o tempo do fim, quando o bem e o mal serão julgados.

Apocalipse Siríaco de Daniel e a Parusia

Dentre apócrifos apocalípticos, destaque para o apócrifo siríaco de Daniel. Datado no século VII de Era Comum e conservado em um manuscrito do séc. XV E.C., esse apócrifo conta as histórias de Daniel na corte a partir de visões do povo do Norte sobre o fim dos tempos.

Os judeus do Norte (Israel) se revoltam, liderado por Gog e Mogog, no fim dos tempos. São descritos o julgamento final e o banquete messiânico na Nova Jerusalém, a partir de uma visão de Daniel sobre a chegada do Messias. Essa visão apocalíptica tem relação com os livros de Apocalipse e Daniel canônicos.

As figuras do Anticristo e do Messias são utilizadas em meio às perseguições e desolação do povo. O fim dos impérios estaria próximo. O Anticristo é um opressor, mas o Messias salvará. O Anticristo, no livro, é um oponente escatológico.

Apocalipse Siríaco de Daniel é uma tentativa de ressignificar a apocalíptica de Daniel canônica na perspectiva cristã, muitos séculos depois. A demora da Parusia levou muitos cristãos a repensarem o fim dos tempos, o que proporcionou o surgimento de uma nova apocalíptica cristã a partir do século segundo, não desconsiderando a apocalíptica judaica, mas em um novo cenário de fim dos tempos. Nessa visão apocalíptica, a figura do Anticristo é valorizada, da qual viriam o milenarismo, a Parusia aconteceria no fim dos mil anos.

Vale ressaltar que a Igreja, na Idade Média, retoma essa mesma metodologia com a imagens do Inferno, para onde iriam os condenados que não estivessem seguindo os

passos da cristandade, visto que a Parusia não aconteceu no ano mil, conforme previu Ap 20,1-3, mas ainda se realizaria nos séculos vindouros.

Variante do aramaico, o siríaco foi fundamental na transmissão da fé cristã a partir do século IV. O siríaco utilizado na obra era a língua de comunicação entre povos do Oriente Médio, para além do mundo cristão ocidental. Os cristãos de fala aramaica, localizados ao leste do Império Romano, eram pouco valorizados.

Conclusão

O livro de Daniel influenciou a apocalíptica judaica, como nos livros de Enoc e Esdra, bem como o Apocalipse de João. O livro está situado no período da apocalíptica judaica dos séculos terceiro e segundo antes da Era Comum. Ele traz elemento que justificam essa afirmativa: sua autoria é atribuída a um utor fictício (Daniel), está permeado de visões, sonhos, figuras apocalípticas etc. A estrutura apocalíptica está clara no livro de Daniel: visões celestiais, intervenção de Deus na história com julgamento.

Os reinos humanos vêm do mar, mas o Filho do Homem vem do alto, do céu para inaugurar um novo tempo de Deus. Somente Ele é o Senhor do mundo. Os reinos são animais, mas o que vem de Deus tem forma humana, é divino. Foi nessa perspectiva apocalíptica que Jesus atribuiu a si a imagem de Filho do Homem que deveria sofrer, mas que ressuscitaria e voltaria para Deus. Com a morte e ressurreição de Jesus, o sonho da Parusia, da volta de Jesus acalentou o sonho dos cristãos da primeira hora.

Quanto mais o tempo da Parusia se alargava, o apocalipse siríaco de Daniel procurou, em língua siríaca, ressignificar a apocalíptica de Daniel canônica na perspectiva cristã, no lado oriental do cristianismo. A demora da Parusia, no século IV E.C, levou os cristãos do Oriente Médio a repensar o fim dos tempos, com isso, a apocalíptica permaneceu nos imaginários judaicos e cristãos para sempre.

Corpo como palco da moralidade:

**Susana entre o olhar e o poder
(Dn 13)**

por Vânia Fonseca

Católica, leiga, assessora de Grupos de Leitura Popular da Bíblia. Graduada em Administração de Empresas e Pós-graduada em Missiologia pelo ISTA (Instituto Santo Tomas de Aquino), de Belo Horizonte, MG, e em Teologia Pastoral pela PUC-MG (Pontifícia Universidade Católica). Atualmente, coordena a Região Central do CEBI-MG e também participa da

Introdução

A violência estrutural se naturaliza sob o véu do que se convencionou chamar de “normalidade”. Uma sociedade capitalista perpassada pelo patriarcado, sustenta-se, por meio da manipulação, da violência simbólica e concreta e, ainda, do controle dos corpos femininos. Tais mecanismos constituem marcadores explícitos de denúncia e transgressão em contextos que impõem a inferiorização das mulheres, seja na vida cotidiana, nas relações pessoais, sociais, políticas, econômicas ou religiosas.

Longe de ser um tema recente, a questão de gênero arrasta-se por séculos, sem encontrar verdadeiro respiro. Ainda assim, é nas brechas desse sistema capitalista, opressor, violento e explorador, é que as mulheres reinventam modos de existir, resistir e se relacionar e, por muitas vezes, a um custo extremo, que pode incluir a perda de suas próprias vidas.

Entre marcadores de validação, valor e pertencimento, as mulheres buscam ampliar suas possibilidades de ser- e de estar -no- mundo, mas se veem, continuamente, barradas por estruturas sistêmicas, que instauram novas formas de aprisionamento e sofrimento. Nesse cenário, emergem fragilidades afetivas próprias de um tempo que, raramente, permite a profundidade dos vínculos e dos afetos, reforçando a solidão, o silenciamento e a invisibilização das experiências femininas.

É nesse entrelaçamento de violências que se torna imprescindível criar espaços de escuta ativa para aquilo que não se apresenta na superfície das esferas doméstica, social e institucional, e se manifesta na persistência de conflitos estruturantes da condição humana. A partir dessa constatação, delineia-se o problema central que orienta este artigo: “De que maneira a questão de gênero interfere nas relações humanas e sociais e nos processos de subjetivação da mulher”?

Reconhece-se que não há respostas prontas ou soluções definitivas para um problema de caráter histórico e estrutural. No entanto, as lutas feministas apontam caminhos possíveis, ao dar visibilidade a experiências de mulheres que resistiram, romperam o silêncio e recusaram o controle sobre suas vidas, despertando o desejo e o compromisso com a

transformação dessa realidade.

Com esse propósito, buscamos articular conceitos clássicos do pensamento feminista, narrativas bíblicas e expressões artísticas como fontes de inspiração e crítica, aprofundando a análise das experiências femininas e feministas, em diálogo com os fenômenos contemporâneos que mediam a experiência humana.

Procuramos reunir referências teóricas e vivenciais capazes de iluminar o problema já anunciado. Nasce também, uma inquietação de ordem pessoal diante dos modos pelos quais a questão de gênero atravessa a sensibilidade, o desejo e as experiências de descaso, abuso, assédio, coerção, manipulação e exposição pública. No campo social e religioso, evidenciam-se manifestações de mal-estar subjetivo associadas à ansiedade, solidão, pecado, condenação moral, silenciamento e dependência emocional.

Realidades impostas por uma cultura patriarcal, que insiste em uma rotulação estereotipada, e quer anular valores e direitos dos corpos, afetos e existências.

Tais referenciais de compreensões indicam a urgência de compreensões teóricas e experiências vivenciais, que possam lançar luz sobre esses fenômenos, contribuindo para processos de libertação e ressignificação.

Para orientar o/a leitor este artigo organiza-se da seguinte forma: após esta Introdução, uma síntese da narrativa de Susana, conforme o capítulo 13 do Livro de Daniel na narrativa bíblica. Apresenta-se uma chave de leitura teológica; em seguida, aborda-se a experiência de vida da artista italiana Artemisia Gentileschi, possibilitando uma leitura aprofundada de sua trajetória em diálogo com o texto bíblico, especialmente sob a perspectiva da resistência mediada pela arte.

E ainda, a reflexão dialoga com a contribuição fundamental da teóloga feminista Ivone Gebara, particularmente em sua obra *Rompendo o Silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*, que estabelece uma conversa profunda entre a história de Susana, a contemporaneidade e a denúncia do silenciamento dos corpos vulnerabilizados, de modo especial o feminino. Outras autoras igualmente relevantes fecundam as ideias aqui desenvolvidas, sempre com atenção ao contex-

to atual. Por fim, o artigo examina a dinâmica subjetiva da questão de gênero e seus impactos nas relações, culminando em considerações ensaiadas, que não pretendem encerrar os apontamentos aqui apresentados, mas ampliar seus horizontes.

“Entre o jardim e o julgamento: narrativas de Susana” (Dn 13)

Apresentação: “Susana” - nome hebraico que significa: açucena ou lírio – No livro Cântico dos Cânticos ou Cantares – é assim que o amado chama a amada (Ct, 2,1). Na versão grega da Bíblia, Daniel é o último livro. Os capítulos 13 (Susana e os anciãos) e o 14 do Livro de Daniel são memórias já existentes. A história acontece em espiral, evoca muitas coisas resgatadas e atualizadas. Suzana é a única mulher citada no livro de Daniel. Suzana é força, corpo, profecia, resistência.

Na história de Susana dois ambientes se fazem presentes: a Casa e o Jardim. A casa de Joaquim, pode ser comparada a um tribunal, uma sinagoga, lugar de reunião de todos os judeus. Quem toma conta da casa são os dois velhos e execráveis juízes, que possuem o papel de conduzir o povo, porém, não cumprem esse papel em com justiça, mas, por meio da corrupção. Ou seja, dentro da casa, no cotidiano, no mundo doméstico não há garantias e proteção para a mulher. “O mundo doméstico é transpassado não só pelas relações de opressão vindas da má organização econômica, política e social ou pelos preconceitos culturais e racistas, mas pelo próprio fato de ser “mulher” (Gebara, 2000, p.131).

E o outro ambiente é O lugar de Susana (= lírio) -é o jardim, fora da casa. É o lugar em que Susana costuma passear, depois que todos saem da casa. O jardim, também, é de Joaquim, mas quem tem as chaves é Susana. Lá ela é, verdadeiramente, a dona. Lá ela se sente segura, a ponto de querer, tranquilamente, se banhar sem nenhum constrangimento, sem saber, que, apenas por estar ali, no seu lugar preferido, ela se tornaria alvo de olhares maliciosos, de cobiça, disputa e chantagem pelos anciãos que, além de controlarem e dominarem a casa também querem dominar e possuir a mulher em

seu lugar de pertença e de liberdade.

No coração pulsante e dominante da Babilônia marcado pelo cativo, pela perda de identidade e pela tensão moral, Susana caminha pelo jardim, espaço de exuberante beleza, também espaço de vulnerabilidade, medo e revelação, onde o olhar alheio se confunde com desejo e poder. Ela era casada com Joaquim, homem muito rico, cuja riqueza e prestígio poderiam oferecer segurança. Mas, isto acaba sendo insuficiente ante a autoridade e o poder dos dois anciãos, juizes da comunidade.

“Eles a observaram, pois a desejavam. Ela era uma mulher bela e temente a Deus” (Daniel 13,1-9) e procuraram manipulá-la, propondo-lhe um crime que jamais cometeria, o adultério, ameaçando sua vida com a força da imposição da palavra, do gesto e da lei: “Vem, deitamos juntos, pois ninguém está a nos ver” (Daniel 13,20-21). Cercada pela injustiça, Susana volta-se para a força que guia a verdade e a justiça, encontrando coragem para permanecer íntegra, mesmo diante da condenação iminente: (Dn 13,22-24).

Susana eleva seu coração em busca de proteção e clareza, encontrando coragem diante da acusação que ameaça seu corpo e sua dignidade (Dn 13,42-44). O Senhor escutou a sua voz. É nesse limiar entre inocência e julgamento que surge Daniel (=Deus julga), expondo contradições dos relatos dos anciãos, desmascarando-os. Sua intervenção separa a mentira da verdade, restaurando a justiça e rompendo o pacto de poder (Daniel 13,45-63). “O rei, representado por Daniel, instrumento último do providencialismo, figura como forma implícita e imaginária de justiça – imaginária, aliás, tal qual uma imagem que comunica e legitima sua capacidade jurisdicional.” (vol. 29, 2021). Resumidamente, essa é a narrativa no Livro de Daniel sobre Susana.

Um olhar teológico a partir dos corpos silenciados

A abordagem aqui proposta insere-se no horizonte da teologia feminista, que assume a experiência concreta das mulheres como lugar legítimo de reflexão sobre Deus, a fé e as estruturas religiosas. Nesse sentido questiona interpreta-

ções bíblicas que, ao longo da história, foram utilizadas para legitimar relações de poder dissonantes e cujo objetivo é silenciar vítimas e preservar autoridades religiosas, mesmo quando corrompidas.

Na narrativa de Susana (Dn 13), o conflito não se estabelece apenas no âmbito da moral individual, mas revela uma estrutura profundamente marcada pela corrupção do poder. Figuras investidas de autoridade jurídica e religiosa, os anciãos, utilizam sua posição para violentar, manipular e falsear a verdade, transformando a lei e a fé em instrumentos de opressão. A violência sofrida por Susana não é um desvio isolado, mas expressão de um sistema que protege os considerados e designados “justos” e condena o corpo feminino quando este se recusa a submeter-se.

Essa narrativa denuncia uma lógica ainda presente e despótica em contextos religiosos e sociais nos quais líderes, pastores, autoridades e instituições perpetuam abusos sob o manto da moralidade e da tradição. Ao dar voz a Susana, o texto bíblico expõe, não apenas a perversidade individual dos anciãos, mas a corrupção estrutural, que sustenta o silenciamento das mulheres e legitima a violência como preço da manutenção da ordem injusta e patriarcal.

A partir dessa conexão com o mundo e as suas realidades, a teologia feminista revela um Deus que recusa a ser cúmplice e não se propõe a absolver o culpado e condenar o inocente, aliás, são duas coisas detestáveis (Pr 17,15). Deus se compromete com a vida, a verdade e a dignidade dos corpos violentados. Deus não se encontra ao lado dos anciãos, que julgam e condenam para preservar seus privilégios, mas junto à mulher que resiste, mesmo quando sua palavra é descreditaada e o seu silenciamento forçado. Assim, a narrativa de Susana se entrelaça com uma perspectiva teológica, que não entrega a respostas fáceis, mas nos impele a atravessar a injustiça, escutar seu clamor e versar sobre poder, gênero e dignidade de maneira mais ampla e sensível.

A arte, em suas diversas expressões, é uma grande aliada e uma poderosa ferramenta que pode nos acompanhar nas mais variadas situações da vida. Por isso, trazemos a pintura de Artemísia como uma extensão que nos ajuda a refletir

sobre Susana, no Livro de Daniel. Não a apresentamos como um adendo, um “tema extra”, nem como uma análise literal ou meramente intelectual do texto, mas como uma segunda voz, uma forma sensível de aprofundar aquilo que já se encontra exposto na narrativa bíblica. Considerar a arte como uma expressão genuína é reconhecer sua potência de transformar a experiência humana, convertendo sofrimento, dúvida ou encantamento em criação, reflexão e sentido.

A arte resiste, provoca e acolhe; faz do cotidiano um espaço possível para se expressar e para sentir. A arte não somente é uma representação, mas torna-se denúncia, torna-se verbo e sobrevivência. Diante dessa realidade é crucial fazer uma leitura da obra de Artemisia Gentileschi. Há histórias que atravessam séculos, mas só encontram sua verdadeira voz quando pousam nas mãos certas de artistas que traçam as emoções que são espelhos da sua própria alma. Por isso, é um convite a revisitar a nossa própria história.

Conhecendo um pouco da vida pessoal da artista Artemísia, contextualizá-la em seu tempo, e apresentar a sua obra para a nossa interpretação na atualidade

Artemísia Gentileschi (1597-1651) de origem europeia, italiana, foi considerada a primeira das raras mulheres a serem reconhecidas por seus trabalhos artísticos. Foi uma pintora barroca que nas suas obras, retratou as personagens bíblicas como Judith, Esther, Betsabéia, atribuindo-lhes papéis de heroínas. Filha do pintor Orazio Gentileschi, ainda jovem, teve aulas com o pintor Agostinho de Tassi, que seu pai contratou como seu mestre. Posteriormente, Agostinho foi acusado de violentar a jovem artista. Enfrentando os preconceitos de sua época, Artemisia recusou-se a desposar Agostinho. Anos depois venceu o processo, pelo qual este foi condenado a deixar Roma. Débora de Viveiros (VIII EHA - Encontro de História da Arte - 2012).

Ao longo de sua carreira, Artemisia enfrentou desafios extraordinários, mas sua paixão pela arte a impulsionou a continuar pintando. A característica dramática do contraste entre luz e sombra, aliada à visão de mundo que, como mu-

lher, lhe era pessoal, conferia às suas pinturas uma leitura diferente das expressões e dos significados das cenas retratadas. Revelava uma qualidade teatral e intensa que a tornou uma das figuras mais importantes do movimento barroco. Conquistou reconhecimento e renome, tornando-se a primeira mulher a ser admitida na Academia de Artes de Florença. <https://italica.com.br/artemisia-gentileschi/>

“Trancou o quarto a chave e depois me jogou sobre a cama, imobilizando-me com uma mão sobre meu peito e colocando um dos joelhos entre minhas coxas para que não pudesse fechá-las. E levantou minhas roupas, algo que lhe deu muito trabalho. Pôs um pano em minha boca para que não gritasse. Eu arranhei seu rosto e arranquei seus cabelos.” (VELASCO, 2017). Artemisia Gentileschi, além de ter sido estuprada, teve que suportar ver o seu agressor livre e sua denúncia questionada publicamente. Esse é o relato de um estupro ocorrido quatro séculos atrás.

Embora a narrativa de Susana não descreva a consumação do estupro, o caso de Artemisia Gentileschi marcado pela violência real e pela impunidade do agressor, se torna expressivo e contribui para aprofundar a reflexão sobre como mulheres, vítimas de violência, são representadas e percebidas historicamente. Susana encontra-se rodeada por muros que deveriam protegê-la. Passeia por um jardim que evoca liberdade, prazer, respiro e descanso; transformado em um lugar de ameaça, revela-se contraponto entre beleza e violência. Numa analogia que transpõe séculos trazemos à memória, o caso de Artemisia, que se assemelha nas representações artísticas do episódio.

A história de Susana narra uma situação moralmente perturbadora. Suas representações artísticas, em sua maioria, privilegiaram a exibição de um corpo feminino idealizado, constituído como objeto de contemplação. Vivian Castro de Oliveira (2017) chama a atenção para o fato de que essas imagens reiteram um “nu objeto do olhar e desejo masculino”, produzindo um “lugar de desajuste” entre a estética do belo e a gravidade ética da narrativa. Artemisia Gentileschi, através do pincel, retrata o pulsar do seu próprio sofrimento na figura de Suzana.

Como apontam algumas pesquisadoras brasileiras, Vivian Castro de Miranda, Débora de Viveiros e Cristine Tedesco, Artemísia não se curva ao olhar que reduz a mulher ao silêncio: ela retrata em Susana sua repulsa, sua tensão, sua coragem. Há, ali, um corpo que não se rende, um gesto que se recusa a participar da mentira. E assim, quando a leitura do texto bíblico encontra a pintura barroca, o encontro não é de ilustração, mas de alma: ambas denunciam o abuso, ambas revelam a violência, mas preservam a dignidade. Susana, na Escritura e na tela, permanece inteira, não porque vence pela força, mas porque resiste com a verdade e inspira coragem rebelando-se e recusando a aceitar, em silêncio, um sistema cruel e obsceno.

Susana e o olhar de Artemísia Gentileschi

Na tradição da arte ocidental, a cena de Susana foi muitas vezes pintada sob um olhar masculino, que transforma o episódio de coerção em espetáculo do nu feminino. Como evidencia Carmen Regina Bauer Diniz, diversas imagens de artistas homens revelam padrões recorrentes: o corpo nu ocupa o centro da composição, a violência da narrativa se suaviza, a tensão moral desloca-se para a estética e o espectador é colocado em posição próxima à dos próprios anciãos, lendo muitas vezes, o corpo de Susana a partir do desejo masculino. Onde a tradição masculina erotiza o visível, Artemisia aproxima-nos da experiência da ameaça. O mito decorativo cede espaço à mulher concreta.

Por séculos, outros artistas escolheram o momento da espreita: os anciãos escondidos, a nudez de Susana como se fosse parte natural da paisagem, a cena tratada quase como capricho estético. Artemisia desmonta esse truque de luz. Ela sentiu no próprio corpo a dor física e experimentou a violência moral exposta pela sociedade. Só quem vive essa realidade compreende que a violência não é, e jamais deve ser, romantizada. Sabe que o olhar do opressor não é curioso: é invasivo, pesado, malicioso e condena injustamente. E sabe que a vítima não repousa, ela se protege, se recolhe, se dobra para não ser despedaçada. Na maioria dessas obras, a violên-

cia desaparece atrás da beleza e o voyeurismo, é transformado em virtude artística. Segundo a Wikipédia Livre, voyeurismo se define assim:

Voyeurismo (vua-ierismo) ou mixoscopia (cs) é uma prática que consiste em um indivíduo obter prazer sexual através da observação de pessoas praticando sexo ou nuas. Quando a pessoa observada não está ciente de que está sendo observada, tal comportamento é, em muitos países, considerado um crime, configurando uma invasão de privacidade. https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal

É por isso que, diante da tela de Artemisia, Susana não nos convida a contemplá-la; ela nos obriga a enxergar, o que de fato é o que se propõe essa reflexão. O gesto dos ombros que se fecham, a cabeça levemente inclinada para longe das sombras que a cercam, o desconforto que quase salta da pintura, tudo denuncia que o centro da cena não é o corpo, mas o abuso. Não é a beleza, mas o poder. Não é a nudez, mas a violência que a produz.

De algum modo misterioso, Artemisia devolve à jovem bíblica aquilo que lhe foi roubado tantas vezes: a narrativa que a defende. Porque quando uma mulher pinta outra mulher sendo observada contra sua vontade, a pintura deixa de ser janela e se torna espelho. E o que vemos ali é mais do que Susana, é cada mulher que já teve seu corpo interpretado por bocas que não eram suas, é cada história sequestrada, cada verdade sufocada, cada injustiça legitimada porque veio “da boca dos respeitadores”. O que vemos, em Daniel 13 e na pintura de Artemisia, é o mesmo grito silencioso: a moralidade verdadeira não está no corpo que observamos, mas no olhar com que o julgamos.

Essa imagem representa a realidade de Artemisia e é interessante perceber a forma de como a arte foi criada e analisada. Observem, faça você mesma(o) a sua análise, buscando responder a algumas perguntas:

- Ainda olhamos mulheres do ponto de vista do opressor?

- O que escolhemos ver? O que escolhemos esconder?
- O que esse quadro revela sobre a sociedade de hoje?



1610, Artemisia Gentileschi, “Susana e os anciãos”
<https://italica.com.br/artemisia-gentileschi/>

Os anciãos, aliados e instrumentalizadores corruptos da lei

Os anciãos do Antigo Testamento eram líderes sociais e políticos, que representavam a comunidade de Israel. Os papéis a eles atribuídos eram: chefes de clãs e famílias, represen-

tantes do povo, autoridades civis legais e, às vezes, religiosas e conselheiros dos reis. Responsáveis por julgamentos, mediações e decisões comunitárias. Porém, esses “respeitados” juízes, não exerceram o seu papel com dignidade. Decidiram expor, publicamente, uma mulher, utilizando meios duvidosos para julgá-la. Como não conseguiram atingir os seus objetivos, decidiram silenciá-la e, como se não bastasse a punição, apelaram para a condenação.

Sabidamente, a filósofa Hannah Arendt faz uma distinção entre poder e violência: “Poder e violência são opostos; onde um domina absolutamente, o outro está ausente”, ou seja: onde há poder de verdade, não é preciso recorrer à violência. Onde a violência domina, o poder já se perdeu. Com o intuito de reforçar todo esse processo que, na verdade, é um retrocesso tracejado pelo patriarcado, uma sábia citação que Simone de Beauvoir evoca do filósofo francês e feminista, Poulain de La Barre, é a seguinte: “Legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa à terra” (BEAUVOIR, 1970, p. 16).

O movimento #MeToo iniciado nos Estados Unidos em 2020, surge como uma iniciativa coletiva de denúncia de violências sofridas por mulheres, sobretudo em contextos marcados por assimetrias de poder, cometidos por agentes sociais, nos quais colocamos entre outros, políticos, magistrados, professores, empresários, líderes religiosos e fanáticos. Utilizam o poder para marcar as diferenças e não a equidade; muitas vezes fomentando o ódio e realçando práticas de assédio, coerção e silenciamento historicamente naturalizadas. Embora grande parte dos relatos públicos do Movimento #MeToo esteja associado à violência sexual consumada, o cerne do Movimento reside na exposição dos mecanismos que antecedem o ato: o olhar invasivo, a intenção maliciosa, a ameaça velada e a imposição do silêncio.

Nesse sentido, a narrativa bíblica de Susana e os anjos oferece um paralelo emblemático. Ainda que não haja estupro, há violência: dois homens investidos de autoridade jurídica e moral se sentem autorizados a desejar, ameaçar e falsificar a verdade, utilizando o poder da lei para constranger

e silenciar uma mulher.

O que se revela em Susana e os anciãos, no relato da vida de Artemísia Gentileschi, também está presente denúncias contemporâneas do #MeToo, a violência não nasce do desejo, mas do poder; é uma mesma lógica de dominação, na qual homens investidos de autoridade, “os senhores da lei e da verdade,” transformam sua posição de poder em instrumento de coerção e violência contra o corpo e a palavra femininos.

Ampliando a reflexão: a culpa imposta às mulheres e a confiança plena em Deus

Ao longo da história, estruturas humanas marcadas pelo patriarcado associaram a mulher ao erro, à tentação e ao excesso, construindo uma narrativa simulada, na qual o feminino aparece como ameaça moral e espiritual. Na visão de Ivone Gebara (GEBARA,2000), a imagem ou condição do eu ideal se configura como um tipo de tribunal interior, funcionando como uma instância avaliadora, que acompanha e julga todos os níveis da existência. Essa lógica produziu não apenas o silenciamento das mulheres, mas também a introjeção da culpa, que muitas vezes aparece como um castigo antecipado, como desagrado de Deus; seria como não desempenhar bem o que deveria fazer, como se não agisse bem. “O sistema patriarcal cultiva em nós a culpabilidade. Muitas vezes estereotipada, pré-fabricada, ideologizada” (GEBARA, 2000, p.140). GEBARA (2000); sublinha que a sensação de culpa experimentada pelas mulheres, transforma-se em um mal em si, tornando-se um fardo pesado e indefinido, difícil de delimitar. Isso ocorre, especialmente, quando a culpa é imposta socialmente, organizada de forma a sustentar um sistema que gera e perpetua a violência. O grito de Susana e a denúncia de Artemísia Gentileschi, por meio da expressão artística, refletem experiências atuais de inúmeras mulheres que, ainda hoje, são desacreditadas, silenciadas e culpabilizadas quando ousam denunciar violências e injustiças.

Susana clama a Deus em alta voz: “Deus eterno, tu sabes que é falso o testemunho que levantaram contra mim. Eis, pois, que morrerei não tendo feito nada do que estes maldosa-

mente inventaram a meu respeito” (Dn 13,42-43). A narrativa bíblica afirma que Deus ouviu a voz dela, e não deles, os juízes corruptos.

Nesse episódio, dois polos se apresentam, desafiando nossa compreensão: a condição humana e a revelação divina.

É possível perceber a angústia de Susana: medo, abandono, culpa e, ainda, vazão e aversão ao próprio corpo. Essa dinâmica é visível no relato de Susana, cujo corpo, ao ser capturado pelo olhar indecente dos anciãos, deixa de ser apenas seu para tornar-se objeto de exposição, acusação, violência simbólica e ameaça.

Colocar-se no lugar de Susana, enquanto mulher, implica reconhecer como o olhar abusivo pode produzir aversão ao próprio corpo, não por ele em si, mas pelo mal que nele foi projetado. Uma mulher completamente “largada”, à mercê da injustiça, como nos dias de hoje, sem amparo humano, e, ainda estigmatizada por gerações, pelo simples fato de ser mulher, o segundo sexo. Ivone Gebara faz alusão ao estigma que atinge o sexo feminino: pelo estigma de ser o segundo sexo, a teologia patriarcal, nos convenceu de que era um desígnio divino. Durante longos anos, nos fizeram temer e até odiar o nosso corpo para estar em conformidade à divindade, puro espírito; (GEBARA,1997, p.103).

Por outro lado, surge uma pergunta que não tem uma resposta precisa, porque só quem faz a experiência poderá ter uma resposta. Eis a pergunta: como uma mulher, julgada injustamente por aqueles que detêm o poder, clama a Deus? Um Deus que é tecido nas culturas com o rosto dominante? As atitudes de Susana revelam não apenas o desamparo diante da injustiça, mas também a coragem de permanecer íntegra. Presa neste cativeiro, Susana sabe que sua voz nada pode contra a voz dos dois juizes. Sua palavra de mulher não pesa tanto quanto o testemunho das duas autoridades. Aí só resta o “grito”. “Susana gritou em voz alta” (Dn 13,24).

A violência imposta a Susana torna-se ainda mais brutal porque não parte de um único agressor, mas de dois juízes representantes da lei e da moral. O peso da opressão, portanto, não é apenas físico ou emocional; é também simbólico e institucional. Trata-se da violência legitimada pelo poder.

No contexto do judaísmo fundamentalista e moralista da época, um testemunho só era considerado válido quando sustentado por duas pessoas, ou seja: dois homens judeus. A palavra de mulheres e estrangeiros era desabonada, tornada imperceptível antes mesmo de ser ouvida ou escutada. Assim, ao mencionar que a acusação contra Susana é feita por dois juízes, o relato insinua, nas entrelinhas, que se trata de uma denúncia supostamente incontestável, digna de crédito aos olhos de quem detém o poder e decide os destinos alheios.

Susana ousa atravessar o território do contraditório e do desafio que se impõe no interior de uma sociedade escravocrata e patriarcal. Sua história não se limita a um conflito moral ou jurídico; ela expõe o modo como estruturas religiosas e sociais podem legitimar a violência contra o corpo feminino. Seu clamor emerge como gesto extremo, quase desesperado, que rompe a normalidade do silêncio imposto. Pode-se suspeitar que, nesse grito, Susana formaliza uma espécie de tratado de socorro com Deus, como se dissesse: eu não fiz nada; o Senhor sabe; portanto, defenda-me e liberte-me das calúnias e da maldade dessa corja que deseja me executar, assim como da neutralidade cúmplice daqueles que, mesmo próximos, escolhem assistir sem intervir.

Entretanto, é nesse cenário de opressão que emerge a força silenciosa de Susana. Ao resistir, ao recusar-se a ceder e ao clamar por justiça ao seu Deus, ela rompe com a lógica da violência e não pactua com a injustiça, nem com o falso testemunho, nem com a calúnia que tenta aprisioná-la. Sua voz, embora desacreditada pelas estruturas patriarcais que determinam quem pode falar e quem deve calar, encontra ressonância no tribunal do Deus que julga com justiça, que julga não para condenar, mas para restaurar. É nessa conexão com o sagrado que a dignidade da mulher sentenciada ao apedrejamento é reerguida, e a verdade restabelecida. Deus escuta o clamor de uma mulher violentada.

Deus legitima a voz que a sociedade patriarcal insiste em silenciar. Assim, a narrativa não apenas salva Susana, ela desloca o eixo da autoridade, revelando que a última palavra não pertence ao poder do opressor, mas ao Deus que faz justiça e restitui a vida.

Esse grito não permanece restrito à narrativa bíblica. Ele atravessa o tempo, e se expande na voz de milhões de mulheres violentadas, em todo o mundo por leis arbitrárias e por regras religiosas historicamente construídas pelos homens patriarcais e machistas. Trata-se de um clamor que nasce no limite da existência, quando já não há instância humana capaz de garantir justiça. Antes de ser dirigido a Deus, o grito é escuta da própria dor: é o momento em que a mulher reconhece a violência sofrida e se recusa a aceitá-la como mero acaso do destino. Somente depois, esse mesmo grito se transforma em apelo, em súplica dirigida a um Deus que possa ouvi-la e libertá-la.

Nesse sentido, o grito configura-se como lugar teológico. É ali, no corpo ferido e injustiçado da mulher, que Deus se deixa conhecer. Não no tribunal corrompido, não na lei manipulada, mas no clamor que rompe o silêncio e desestabiliza a ordem estabelecida pelo poder opressor. O grito torna-se também mediação da fé, pois revela uma fé que não nasce da obediência cega nem da submissão às normas, mas da experiência concreta da violência sofrida e da recusa em consentir com ela. Ao gritar, a mulher não apenas pede socorro; ela afirma sua dignidade e reivindica justiça e respeito. Esse grito é, ainda, uma hermenêutica da resistência. A partir dele, toda leitura de Deus, da lei e da moral precisa ser revista. Interpretar Deus, desde o grito da mulher injustiçada é reconhecer que o silêncio imposto é antiteológico e que a omissão ou a propensa neutralidade diante da injustiça se torna cumplicidade com a violência e os violentadores. O grito desautoriza discursos religiosos que legitimam a violência e expõe o abismo entre a lei patriarcal e o Deus que se coloca ao lado da vida ameaçada.

Aproximar-se dessa experiência exige empatia, não aquela empatia superficial, frequentemente reduzida a um sentimento passageiro, mas a empatia profunda descrita por Carl Rogers (1983, *Um Jeito de Ser*): viver, temporariamente, a vida do outro, mover-se com delicadeza e sem julgamentos, sentir o medo, o vazio e a esperança que habitam o corpo ferido, sem confundir tais experiências com as próprias. Essa empatia não protege o leitor; ao contrário, ela o expõe à dor

que o grito carrega.

É nesse espaço de escuta radical que a reflexão de Ivone Gebara, em *Rompendo o Silêncio*, torna-se particularmente iluminadora. Ao falar do Deus das mulheres, a autora afirma que, mesmo em contextos profundamente patriarcais, o divino pode acolher, proteger e reconhecer a dignidade feminina. Trata-se de um Deus que se revela no chão da vida, nas experiências cotidianas, nas ocupações e preocupações que atravessam a existência das mulheres. Um Deus que não exige silêncio, mas que escuta o grito, e, ao escutá-lo, conduz a caminhos de justiça e libertação.

Mesmo cercada de privilégios, Susana; não escapou da violência que insiste em se instalar nos corpos e nas vidas das mulheres. Ela foi alvo de desejos de posse, de dominação, lembrando-nos que o poder patriarcal não distingue classe, embora recaia, com força ainda maior, sobre as mulheres negras, pobres e periféricas. É nesse “chão da vida” que Deus se revela, sutil, silencioso, mas presente. Talvez foi a esse Deus que liberta que Susana dirigiu seu grito, um Deus que conhece a dor das mulheres e caminha com elas.

Para Gebara (2000), Deus nasce da experiência concreta da vida das mulheres, de seus cotidianos, de seus desafios. Não é uma teoria distante, mas uma presença que sustenta, que acompanha, que transcende o mundo humano, sem se afastar dele. A teologia não-refletida consiste em afirmar esperanças, sonhos, suspiros e desejos, mesmo frágeis, que trilham caminhos, iluminam alternativas e alimentam a vida. Deus é plural, diverso, um Mistério que pulsa em nós e além de nós. Falar da “Zoé”, como propõe Gebara (2000, p. 233), é falar da Vida em sua riqueza infinita, uma vida que se desdobra em mistérios e possibilidades, que nos transforma, nos sustenta e se revela em cada gesto, cada grito, cada esperança. É nesse mistério que nos encontramos, e nele continuamos respirando, existindo, vivendo.

CONCLUINDO UMA TRAVESSIA

O corpo das mulheres sempre foi palco de olhares, julgamentos e poder. Susana nos lembra que essa cena per-

passa os tempos: os anciãos de ontem ecoam nos olhares e nas estruturas de hoje, que ainda tentam silenciar e controlar. Mas, os gritos não se perdem. Teologias Feministas e Movimentos como o #MeToo mostram que denunciar não é apenas ação social: é gesto teológico. É o corpo silenciado falando, desafiando normas, abrindo espaço para justiça, dignidade, respeito e vida.

A arte surge como resistência. Ao retratar Susana, Artemisia Gentileschi, transforma o olhar em denúncia, a pintura em coragem, o silêncio em verbo que denuncia, resiste e clama por respeito. Criatividade, imaginação e coragem tornam-se estratégias para romper o silêncio, movimentar olhares e significados, e oferecer novas formas de ser e de se relacionar.

Romper o silêncio é reposicionar a teologia de seus lugares patriarcais e reinscrevê-la a partir das vozes silenciadas e fazer da ética um compromisso encarnado no seio da sociedade, onde a existência das mulheres é reconhecida como sagrada. É perceber que Deus não sustenta hierarquias nem legítima opressão. A ternura divina, escuta, acompanha, transforma dor em palavra e expressão e reconhece a dignidade dos corpos silenciados. É o Deus das mulheres que move, age e abre caminhos para que a vida se torne possível, onde antes havia dor, medo e vazio.

Essa presença divina dialoga com as diversas expressões da arte. A pintura “Susana e os anciãos”, de Artemisia Gentileschi, é um exemplo significativo desse diálogo. A obra se torna também uma força de resistência, ao ecoar não apenas a narrativa bíblica de Susana, presente no Livro de Daniel, mas também a própria história da artista. Dessa forma, a pintura ultrapassa o campo da representação estética e passa a refletir experiências de violência, injustiça e coragem, conectando a história de Susana às histórias semelhantes vividas por tantas mulheres ainda hoje, também dialoga através da música.

A Lógica da Criação, Oswaldo Montenegro questiona, poeticamente, os enigmas da vida e do sofrimento, refletindo sobre o porquê da dor, do desejo e da paixão, e termina afirmando um amor profundo a Deus, mesmo diante do não-

-entendimento. A cantora Mariana Nolasco, em 2020, canta num tom de provocação e ritmo harmônico, acalentador a música *Pra Todas as Mulheres*. A música reconhece que a dor que muitas carregam em sua bagagem é secular, fruto de uma história marcada por silenciamentos e violências. Ainda assim, reafirma que todas as mulheres precisam ser curadas, libertadas e respeitadas. Ao mesmo tempo em que denuncia as estruturas do sistema patriarcal, a canção fortalece uma mensagem: “juntas somos mais”, não conseguirão abafar nossas vozes, porque não estamos sós. Esses ecos artísticos aproximam-se da proposta teológica desse artigo: reconhecer a presença de Deus nos corpos, nos gritos de injustiça e nas experiências de resistência das mulheres injustiçadas.

Entre Susana e as mulheres de hoje, o corpo continua sendo o palco da moralidade, mas não apenas da moralidade alheia, o corpo passa a ser espaço de resistência, escuta divina e afirmação da vida. O clamor, antes solitário, encontra ressonância e respostas: na teologia que se desloca, nos movimentos sociais que denunciam, na arte que confronta e nas mulheres que ousam existir, viver e transformar relações humanas e sociais.

Por fim, o grito das mulheres injustiçadas não se dissolve no vento nem se curva ao silêncio imposto. Ele atravessa os séculos como um sopro indomável da Divina Ruah, transformando-se em força que sustenta, em palavra que denuncia, em liberdade que irrompe, em expressão que recria o mundo. O que tentaram calar torna-se revelação; o que quisessem sufocar converte-se em presença. É nesse grito emoldurado no tempo que despertam novos horizontes, onde corpos deixam de ser territórios de violência, cobiça e calúnia para se afirmarem como lugares de vida, de coragem e de justiça. Corpos que não se rendem à objetificação, mas se erguem como testemunho de resistência e esperança.

Feliz aquele e aquela que, à semelhança da Fonte Criadora, inclina-se para ouvir o clamor de Susana, de Artemísia Gentileschi e de todas as mulheres que, mesmo feridas, minimizadas, silenciadas, não desistem e permanecem de pé. Mulheres que clamam por justiça e respeito, por amor e cuidado, por empatia e reconhecimento, por pertencimento e vínculo,

e que, ao clamarem, não apenas denunciam a violência, mas anunciam a possibilidade de um mundo mais humano e justo.

Bibliografia

A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, [s.d.].

ANDINACH, Pablo R. Introdução hermenêutica ao Antigo Testamento. Tradução de Mônica Malschitzky. São Leopoldo, RS: Sinodal/EST, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. v. 1.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 4. impressão. São Paulo: Paulus, 2006.

BÍBLIA DO PEREGRINO. Tradução e comentários de Luís Alonso Schökel. Tradução para a edição brasileira de José Bortolini, Ivo Storniolo e Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2002.

BORTOLINI, José. Profetas. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2018.

BRIGHT, John. História de Israel. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi e Eliane Cavaliere Solano Rossi. 7. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2003.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (ed.). Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento. Tradução de Celso Eronides Fernandes. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.

CASOLI, Rosemary. Corpo transgressor feminino: a arte criada como denúncia de violências praticadas contra a mulher num diálogo com Artemísia Gentileschi. Revista do Colóquio, v. 11, n. 20, 2021.

COLLINS, John J. A imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica. Tradução de Carlos Guilherme da Silva Magajewski. São Paulo: Paulus, 2010.

DINIZ, Carmen Regina Bauer. Suzana e os anciãos: as diferentes formas de representação na arte ocidental: contraponto de olhares masculinos e um olhar feminino. In: XIII Seminário de História da Arte. Pelotas: UFPel, n. 4, 2014.

FARIA, Jacir de Freitas. Bíblia apócrifa: Segundo Testamento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2025.

FARIA, Jacir de Freitas. Profetas e profetisas na Bíblia: história e teologia profética na denúncia, solução e esperança, perdão e nova aliança. São Paulo: Paulinas, 2006. (Teologias Bíblicas, v. 5).

FOHRER, Georg. História da religião de Israel. Tradução de Josué Xavier. São Paulo: Academia Cristã; Edifique Editora, 2024.

FRIGERIO, Tea. Livro do Apocalipse: sonhar, esperar e resistir. São Leopoldo, RS: CEBI, 2007. (Curso Popular de Bíblia, v. 7).

GALLAZZI, Sandro. “Ele nos livrou do Hades, nos salvou das garras da morte (Dn 3,88)”. Estudos Bíblicos, n. 38, 1993.

GALLAZZI, Sandro; RIZZANTE, Anna Maria. Ensaio sobre o pós-exílio: a resistência da casa e da mulher. São Leopoldo, RS: Oikos, 2008.

GEBARA, Ivone. Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho d’Água, 1997.

GRUEN, Wolfgang. O tempo que se chama hoje: uma introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Paulinas, 1978.

GUSSO, Antônio Renato. Panorama histórico de Israel: para estudantes da Bíblia. Curitiba, PR: A. D. Santos Editora, 2021.

HARRINGTON, Wilfrid J. Chave para a Bíblia: a revelação, a

promessa, a realização. São Paulo: Paulus, 1985.

MIRANDA, Vivian Castro de. Retratos de Susana: do texto à pintura. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 10, n. 1, jan./abr. 2017. DOI: 10.5902/1983734826403.

NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.

PEREIRA, Débora de Viveiros. Susanna e os anciãos: análise comparativa das obras de Artemisia Gentileschi (1610) e Jan Both (1642). *Encontro de História da Arte*, Campinas, SP, n. 8, 2012. DOI: 10.20396/eha.8.2012.4204.

RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. Antigo Testamento: história, escritura e teologia. Tradução de Gilmar Saint Clair Ribeiro. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. Os profetas: vocação para a liberdade e solidariedade. São Paulo: Paulus, 2018. (O Mundo da Bíblia).

SCHÖKEL, Luís Alonso; SICRE DÍAZ, José Luis. Profetas II. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulus, 2015. (Grande Comentário Bíblico, v. 2).

SILVA, Rafael Rodrigues da. A literatura apocalíptica. Teodiversidade, PUC-SP, 11 maio 2012. Vídeo.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. Chave bíblica. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, [s.d.].

STORNIOLO, Ivo. Como ler o livro de Daniel: Reino de Deus x imperialismo. São Paulo: Paulus, 1994.

TEDESCO, Cristine. Artemisia Gentileschi e os mecenas de seu tempo: cartas de uma pintora do século XVII. Resenha de: SOLINAS, Francesco (org.). *Lettere di Artemisia*. Firenze: De Luca Editori d'Arte, 2011. *História: Questões & Debates*, v. 66, n. 1, 2018. DOI: 10.5380/his.v66i1.47561.

VELASCO, Irene Hernández. A história de Artemisia Gentileschi, a pintora violentada que se vingou fazendo arte feminista no século 17. BBC News Brasil, 14 jan. 2017.